

ILUSTRAÇÃO



4.º ANO
NÚMERO 73

Lisboa, 1 de Janeiro de 1929

PREÇO
4\$00

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Veramon

Schering



O mal estar proprio da mulher alcanca com frequencia, especialmente nas mulheres delicadas e muito sensiveis, um grau verdadeiramente atormentador. Não só as incapacita para cumprir com as exigencias da vida diaria, mas ainda, pela sua repetição terminam taes incomodos por intristicer o seu animo. Consulte a seu medico. Elle lhe dirá se esses incomodos são originados por uma sensibilidade nervosa aumentada. O Veramon da casa Schering de Berlin faz desaparecer o mal estar, tomando um comprimido de 2 em 2 ou de 3 em 3 horas sem produzir efeitos nocivos. Adquira V.Ex^a um tubo de 10 e 20 comprimidos e convencer-se-ha d'isso.

603616



Tobler

A TENTAÇÃO DAS CRIANÇAS!

Uma caixa de TOBLER'S TABLETS é para elas um brinde precioso e sempre desejado, porque contem um variado sortido das especialidades de chocolate que elas mais apreciam

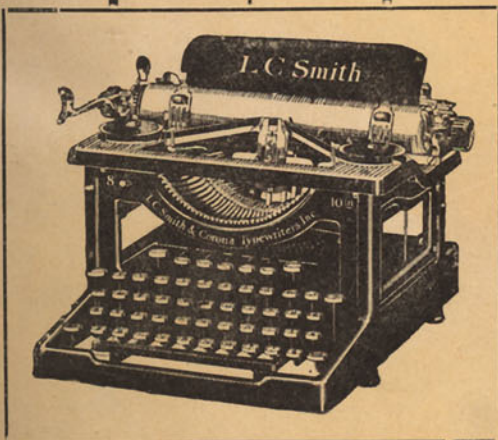
Fabricado na Suíça com produtos rigorosamente seleccionados e por um processo especial que o torna muito rico em vitaminas, o Chocolate TOBLER não é só uma deliciosa gulodice mas sobretudo um alimento concentrado dos mais completos.

À VENDA EM TODAS AS BOAS CONFEITARIAS



L C SMITH

(L C SMITH & BROS)



A MAQUINA DE ESCREVER QUE, PELA SUA RESISTENCIA E RAPIDEZ, TODOS PREFEREM

CADA BARRA DE TIPO TRABALHA COM ROLAMENTO DE ESFERAS

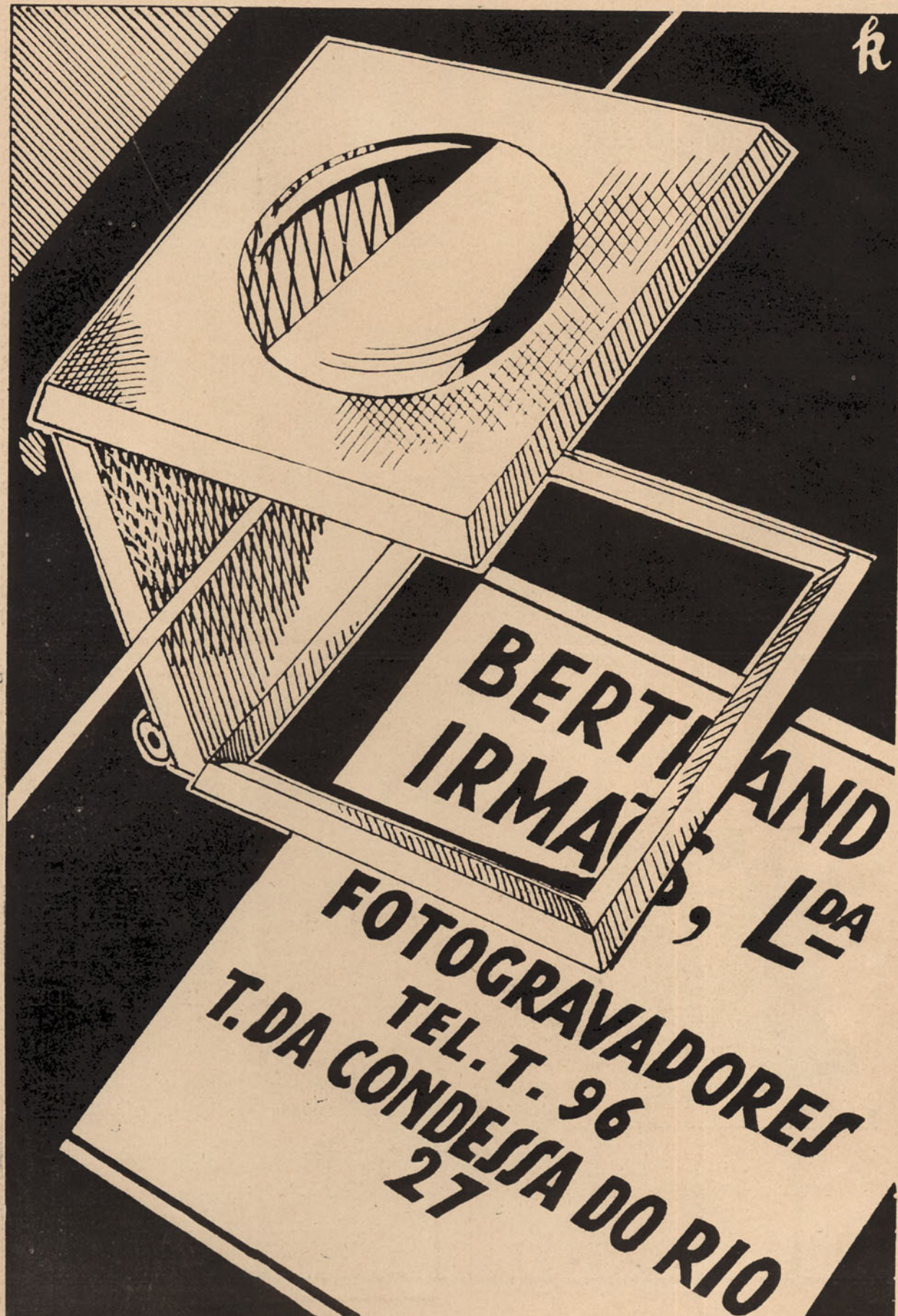
Pedir catalogos e detalhes aos representantes exclusivos para Portugal e Colonias

THE MODERN OFFICE LTD.

107, RUA DO ALECRIM, 109

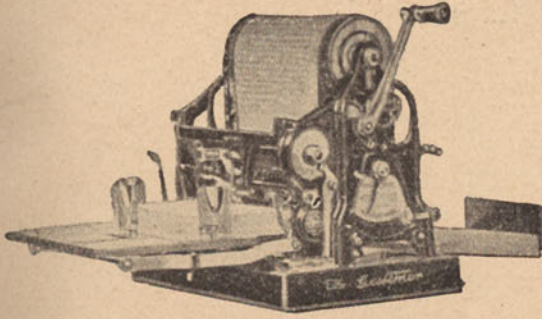
TELEPHONE Trindade 66

R



**BERTI AND
IRMÃS, L^{DA}**

**FOTOGRAVADORES
TEL. T. 96
T. DA CONDESSA DO RIO
27**



Cada escritório precisa organização!!

**TIRA 100 COPIAS POR MINUTO!!
O DUPLICADOR
"D. GESTETNER"**

O melhor duplicador do Mundo pôde ser nos dois casos de imensa utilidade!

PEÇAM DETALHES À CASA
A. GESTETNER, L.^{DA}



Todo o negocio precisa desenvolvimento!!

"KAPPEL"

*A maquina de escrever mais resistente,
mais perfeita
e mais garantida no seu funcionamento*

Rua de Passos Manuel, 249 — PORTO
Telefone N.º 1081
Rua da Conceição, 125 — LISBOA
Telefone: Central 320

*Para que
nas longas noites de inverno
as horas passem a correr
basta lêr o*



MAGAZINE
BERTRAND

EXPERIMENTE TODOS OS AUTOMOVEIS SEJA QUAL FÔR A MARCA E O PREÇO E NÃO ENCONTRARA NENHUM, ABSOLUTAMENTE NENHUM, QUE REUNA AS PERFEITAS QUALIDADES DESTE AUTOMOVEL MODELO

PARIS
para as
MODAS!!

CHRYSLER
para os
AUTOMOVEIS!!

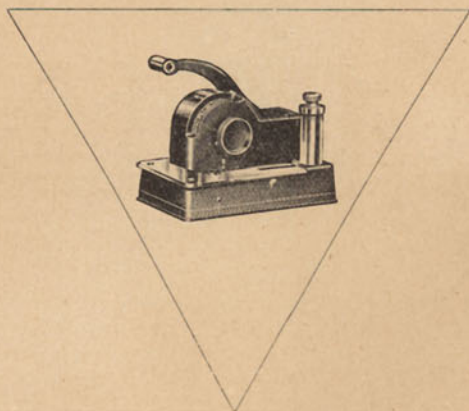
Bate todos os "records"

COMO O MAIS SILENCIOSO, O MAIS VELOZ, O MAIS CONFORTAVEL E UNICO NA RAPIDEZ INACREDITAVEL DA SUA ACELERAÇÃO ATÉ HOJE NÃO EGUALADA POR NENHUMA OUTRA MARCA!!!

SUPERIOR AOS MELHORES

A. BEAUVALET — Rua 1.ª de Dezembro, 137 — LISBOA
ALBERTO CAMARA ANGEL BEAUVALET
America Stand — LISBOA Rua de St.ª Catarina, 130 — PORTO

Chrysler



TODD

MAQUINAS PROTECTORAS
DE CHEQUES

Modelos especiais para bancos e
comerciantes para todas as moedas

UNICO DEPOSITARIO

J. GONÇALVES

Calçada do Carmo, 10

LISBOA

Lave, ondule
e córte o seu cabelo

NA

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Avenida, 35 LISBOA



MARGARINA VAQUEIRO



A MELHOR DE TODAS
UNICOS IMPORTADORES
EST.ºs JERONIMO MARTINS & FILHO LISBOA

PARA APRENDER
RAPIDAMENTE

GEOGRAFIA

BASTA ADQUIRIR :

Compêndio de Geografia (ini-
ciação geográfica — 1.ª classe dos
liceus — Preço 5\$50

**Europa, Ásia, Australásia,
África e Américas** — 2.ª classe
dos liceus — Preço 7\$50

**Portugal, colónias portugue-
sas, Brasil e Regiões polares**
3.ª classe dos liceus — Preço 8\$50

POR

LUIS SCHWALBACH

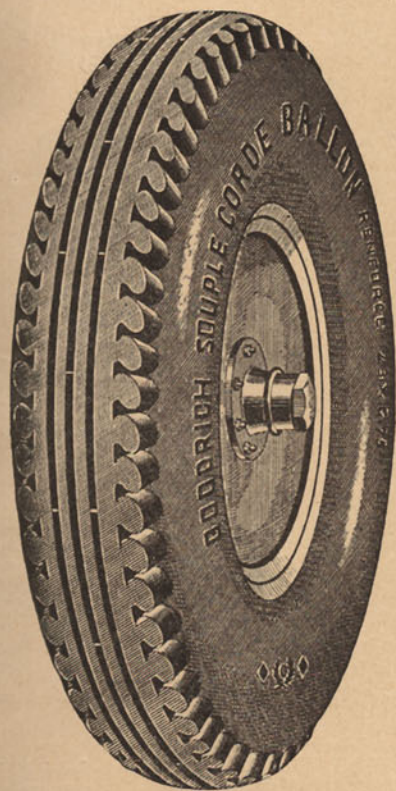
NUMEROSAS GRAVURAS
E MAPAS A CORES

Pedidos às LIVRARIAS

AILLAUD E BERTRAND

R. Garrett, 73-75

LISBOA



GOODRICH

O PNEUMATICO MAIS
RESISTENTE E DE
MAIOR RENDIMENTO

AGENTES GERAIS:

OREY, ANTUNES & C.^A L.^{DA}

4, P. Duque da Terceira
LISBOA

59, Avenida dos Aliados
PORTO

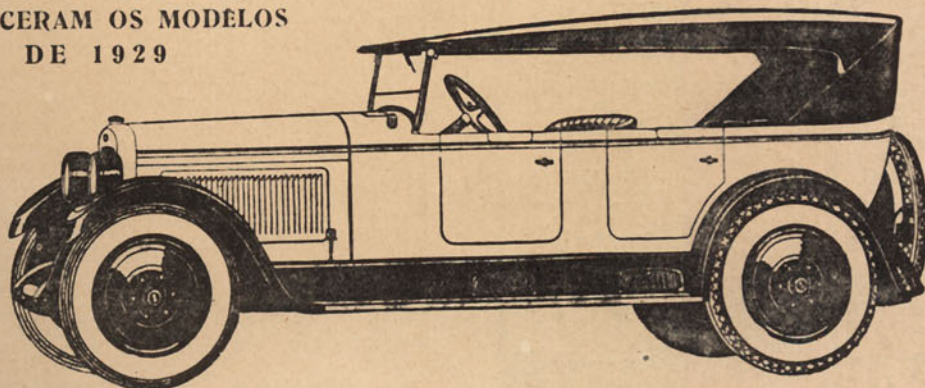
OS MAIS PRATICOS E RESISTENTES

AUTOMOVEIS

— DIVERSOS TIPOS —

O CARRO UTILITÁRIO

APARECERAM OS MODELOS
DE 1929



AGENTES GERAIS: OREY, ANTUNES & C.^A L.^{DA}

4, Praça Duque da Terceira — LISBOA

59, Avenida dos Aliados — PORTO

LUZ E ARRANQUE
BOSCH



Os elementos que constituem o Equipamento da Luz são construídos com rigorosos cuidados, garantindo um funcionamento isento de cuidados.

REPRESENTANTE:
Escritório Técnico Roberto Cudell
PORTO—Passos Manuel, 41

dois sintomas
que não enganam.

AT. CARLO
Cristoforo

"SAL de FRUCTA"

ENO

"FRUIT SALT"

A lingua branca, e mau halito ao acordar, são efeitos duma má digestão. O remedio é simplicissimo: Uma colher das de café de Eno's "Fruit Salt", num copo d'agua, manhã e á noite. Eno actua suavemente, como a fructa, tornando o intestino, e defendendo assim a nossa saude. 60. anos de verdadeiros sucessos garantem a sua eficacia.

Exigi sempre a marca
ENO'S "FRUIT SALT"

As Palavras "Fruit Salt" e "Eno" são marcas de fabrica registadas.

Depositarios em Portugal:
ROBINSON, BARDSLEY, & C^o. LTD. 8, Caes do Sodré, LISBOA

FOSFIODOGLICINA



**A SAUDE E ALEGRIA
DAS CRENÇAS**
FARMACIA LEMOS & FILHOS
PRAÇA CARLOS ALBERTO - 29 A 31-A - PORTO

LEIAM

O mais discutido dos livros

**JESUS CRISTO
EM LISBOA**

OBRA PRIMA
DE PENSAMENTO MODERNO

POR

RAUL BRANDÃO

E

TEIXEIRA DE PASCOAIS

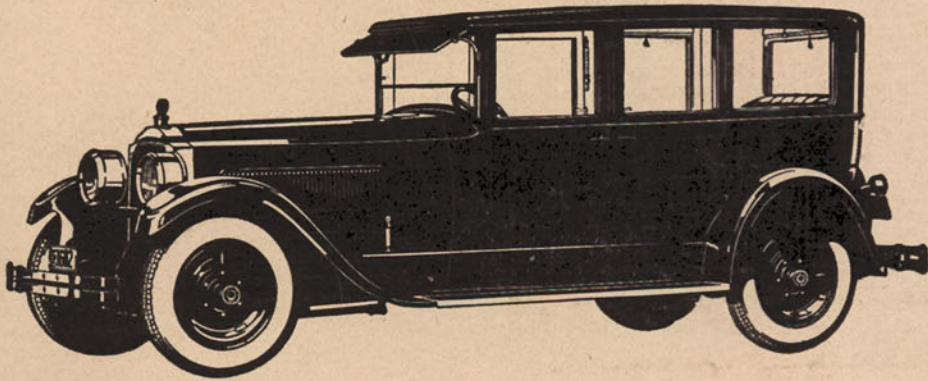
PEDIDOS ÀS LIVRARIAS

AILLAUD E BERTRAND

Chiado, 73 e 75 — LISBOA

Packard

SÓ FABRICA CARROS DE 8 CILINDROS CHASSIS CURTO
CHASSIS LONGO
O MAIS ELEGANTE DOS CARROS



MODELOS 1929 JÁ A VENDA



PEDIR INFORMAÇÕES E VISITAR O NOSSO

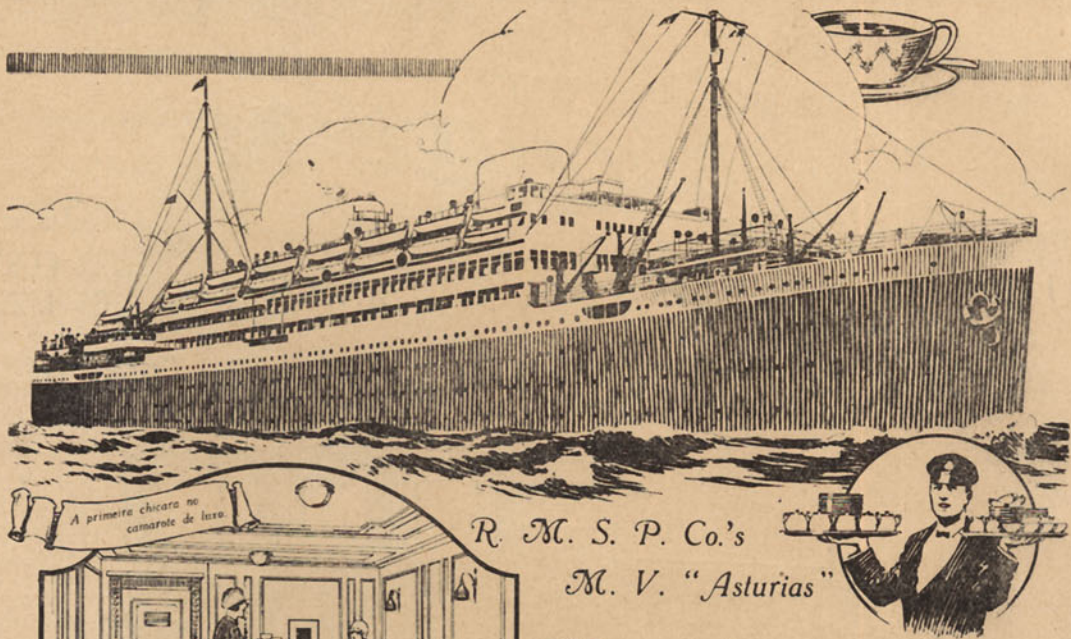
SALÃO DE EXPOSIÇÃO:

4, Praça Duque da Terceira (Cais do Sodré)

AGENTES GERAIS

OREY ANTUNES & C.^A L.^{DA}

LISBOA—PORTO



R. M. S. P. Co.'s
M. V. "Asturias"



COM a excepção do seu barco irmão, é o "Asturias" o maior barco a motor de carreira existente. As máquinas do "Asturias" devido a funcionarem pelo mesmo princípio que as de um automovel, occupam apenas trez quintas partes do espaço ue seria necessario se fossem movidas a vapor, e as suas chaminés cor de anta e de pouca elevação estão simplesmente installadas para effeito de apparencia e não por que realmente sejam necessarias. Esta economia de espaço dá margem a maior amplitude de accommodação para os passageiros como raras vezes se encontra salvo em paquetes gigantescos de carreira.

Grandes salões publicos e "halls" extendem-se em todo o comprimento e largura do navio occupando o espaço, que em vapor, é tomado pelas caldeiras, entrada da chaminé e ventiladores da casa dos fogueiros.

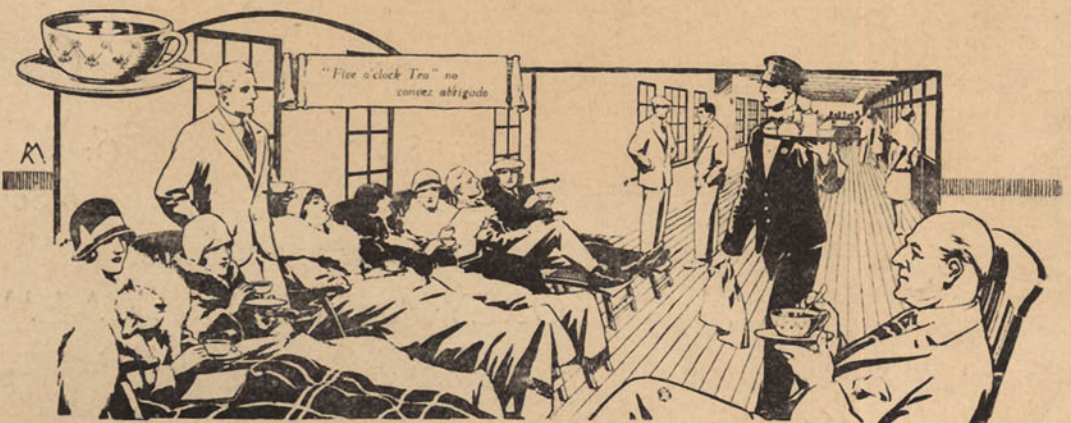
Em todas as suas viagens transporta o "Asturias" enormes quantidades de Cha Horniman embarcado como carga para os mercados da America do Sul, sendo muitos os centos de kilogrammas que se consomem em viagem, pois bem sabe o viajante experiente, que, seja em que clima fór, nada ha que seja tão bem vindo como uma reconfortante e extimulante xícara de



Dança ao som da orquestra de bordo

CHÁ HORNIMAN

A casa Horniman fornece todos os Estabelecimentos de importância e goza de fama na Grã-Bretanha ha mais de 100 anos. O Chá Horniman prepara-se expressamente para V. Sa. do mesmo modo que para todos os paises do mundo, em recipientes de diferentes tamanhos, escolhidos conforme as necessidades do comprador.



R. M. S. P. Co.

Illustration of the ship's deck and cabin area.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIPOGRAFIA

DA «ILUSTRAÇÃO»

R. d'Alegria, 30 — Lisboa

REDACÇÃO

R. Cecílio de Sousa, 77-1.º

(Ant. R. da Provisão)

Telef. N. 873

ANO 1.º — NÚMERO 73

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO:
JOÃO DA CUNHA DE EÇA

DIRECTOR:
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PROPRIEDADE E EDIÇÃO:

AILLAUD, L.^{DA}

R. Garrett, 73, 75—Lisboa

ADMINISTRAÇÃO

Rua Anchieta, 25

Telef. C. 1084

1 DE JANEIRO DE 1920



S. M. O REI DE INGLATERRA, JORGE V, CUJA GRAVE DOENÇA TEM PRECUPADO SÉRIAMENTE OS SEUS DEDICADOS SUBDITOS
E TODOS OS ADMIRADORES QUE NO MUNDO CONTÁ O VENERADO MONARCA (Foto E. O. Hoppl)

NA CAPA: RUA DE LISBOA VELHA — Aguarela de Alberto de Souza

CRÔNICA DA QUINZENA

Escrevendo esta crônica aos derradeiros clarões do sol de 31 de Dezembro, neste ano da graça de 1928, bem estaria aqui, leitores, um Juízo do Ano que vai entrar se, por ventura minha, eu fora um previdente saragocano, adivinho sagaz de tempos e corações!... Infelizmente porém, se o autor destas regras nasceu à Borda de Água, sobre estas ribas tejanas de tão amorável beleza, nem por isso se julga habilitado a envergar a vestimenta roçagante e cheia de estrélas, ou a enterrar na cabeça o carapuço bicudo que era de costume conceder à figura principal de todos os lunários perpétuos... Dado porém que assim não fôsse, leitores, nem por isso eu ganharia muito com os meus assertos e adivinhações, por tal fôrma elas teriam de ser banais e comensinhas. O próprio senhor de La Palisse, confrade ilustre de todos nós, diria exactamente e com a mesma poderosa verdade aquilo que eu e os leitores pensamos acerca do ano de 1929. Este dia 31 de Dezembro, marcando o termo de 1928, anuncia a repetição da mesma tragicomédia anterior: não difere de seus irmãos engulidos pela voragem do Passado, nem tão pouco serão dissemelhantes os dias que vão surgir. Evoco a tal respeito certos versos daquele pobre e desventuradíssimo Sá Carneiro, versos dos quais meio Portugal se quiz rir mas que, lembrando as construções hegelianas, me dão a visão do que foi, é e há de ser...

*Eu, não sou eu, nem sou o outro:
Sou qualquer coisa d'intermédio.
— Pillar da ponte do Têllo
Que vai de mim para o outro.*

Já vem pois os leitores que, em taes condições, o Juízo do Ano, tendo de se limitar — para ser verdadeiro — às cotidianas verificações duma experiência tristíssima, por forma alguma poderá ser algo de consolador e nobilitante... Os dias continuarão a ter vinte e quatro horas e, teoricamente, o homem dividi-las há em 3 oitos: 8 de trabalho, oito de sono e oito de recreio ou, como querem os nossos fieis aliados ingleses e com uma nova adição: *eight hours to work, eight hours to play, eight hours to sleep... and eight shillings a day.* Quer dizer: mândria, pândega e taberna, traduzido tudo em vernáculo pelo sr. Ezequiel de Campos. As grandes reivindicações sociais continuarão a povoar de sonhos de ouro as cabeças de propagandistas e ouvintes: no interior da nossa alma está sempre escondido um machacaz de muita léria, um Frei Tomás de palavras fran-

ciscanas e acções que marcam pelo arrojado da antítese e da contradição... E será mesmo de harmonia com tão preclaras virtudes que os leitores continuarão a ouvir os nomes falazes e mágicos de Locarno, Genebra, Versailles, Trianon *et cetera*, enquanto o imperialismo italiano se ri do sr. Kellogg e vai olhando de esconso terras e gentes da Gália. Os inimigos da guerra continuarão a falar em estender a mão à Alemanha, enquanto o sr. Stresemann pugnando pela *Anschluss* — a união da Austria à Alemanha — desata aos murros na mesa — nas próprias barbas do pacífico sr. Briand! — e declara aos polacos que, se eles se fazem finos a respeito das minorias alemãs, o seu país abandonará a grande filarmónica da Sociedade das Nações...

Como vêm os homens não mudaram. E como poderiam eles mudar se, no fundo... são homens?

Assim, a comédia prosseguirá e com isso não receberá o mundo grandes motivos para se admirar. A vida é uma peça de tamanho êxito que, há milhares de anos a anda representando o Homem no vasto palco da Terra, sempre no meio dos maiores aplausos, embora as situações persistam em ser as mesmas e os mesmos os pífios actores. Raros são os que desatam à pateada e, pelo que respeita aos inovadores, ou pelo que toca a todos quantos persistam em a melhorar ou conferir-lhe caracteres de eterna beleza, os primeiros são quasi sempre matreirões; os segundos, êsses são crucificados. Vejam pois senhores, a triste sorte que nos espera. *Ai de nós que inda temos de viver!* clamava com desespero o pessimismo de António Nobre. Eu não sou um pessimista, lá isso não o sou. Amo a vida, adoro o sol e — a pesar das opiniões de certos estetas — teimo em acreditar que, depois do Sol, Deus nada fez de mais lindo do que uma linda mulher. Mas, o que eu sou é um espírito prático avesso a idealismos frustrés: sou um homem, embora feio como dúzia e meia de bodes reunidos... E, como homem, não tenho ilusões tolas nem cáio na asneira supina de julgar o comum superior a mim... Os senhores, naturalmente queriam que eu lhes fôsse dizer, aqui, um Juízo do Ano esplendoroso,

com os caminhos da terra juncados por moitões de rosas, os lírios da inocência brotando em todos os peitos e cada homem transformado num Jesus que se fôsse aproximando, consoladoramente, do modelo divino por todos nós pregado, há mil e novecentos anos, num rude madeiro... Nessa não cáio eu! Era o que me faltava! Começaria então a ser duas vezes actor: na tragédia que a todos nos coube à nascença e na comédia da minha autoria que iria representar para gaudío de vossorias todos. *Homo sum*, exclamo em côro com os leitores. E acrescento, como um canto de amor e de esperança, embora alguns encolham os ombros scepticamente:

— Do céu nos venham o remédio!...

Mas, — perguntarão algumas almas santas, que ainda as há! — se o mundo foi, é e será sempre assim, de que nos serve a existência se todos os esforços resultam da mais completa inandade, se o homem continua a ser a mesma bestinha de há tantos séculos? Não seria talvez melhor, sobretudo para aqueles que creem noutra vida, o ter morrido logo nas primeiras idades, isto para que nos não desconsoasse a quadra formidável do nosso povo?

*Triste coisa é o nascer,
Depois de nascer, pecar;
Depois de pecar, morrer;
Depois de morrer... pensar!*

Acho que todos os que acreditam não têm razão para se desconsoar. Quem tiver crengas está obrigado a aceitar a vida como uma provação, como um cadinho aonde a sua alma se depura para um destino de beleza eterna. Portanto é trabalhar, sofrer e cantar... Porque, a pesar de tudo, a vida é bela, viver é infinitamente bom! Poderá a gente penar, ter dias em que as lágrimas se contam pelos segundos que vivemos. Mas, o certo é que o velhíssimo Vale de Lágrimas se cobre por vezes de maravilhosas flores, sob o velário azul do céu. O essencial é não querer emendar a obra divina porque desandaremos todos em picarecosos remendões de porta de escada. Reine em todos os corações a paz de Cristo e que o homem não tente jámais deixar a mão bondosíssima que persiste em o querer conduzir.

Porque, se nós, decididamente, nos dispuzessemos a seguir os ensinamentos, clamados pela voz do Filho de Deus nas terras galiléas, então leitores, bem diferente seria, em verdade, a previsão do ano que amanhã se inicia!

ALVARO MAIA.

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

ACONTECIMENTOS DA QUINZENA

A DIREITA:— Aspecto da magnífica e formosíssima exposição de bordados de D. Maria Margarida Santos, um nome famoso já nos meios artísticos pela sua invulgar pericia, pelo fino gosto revelado em todos os trabalhos, e pela gloriosa tarefa, que vai levando a cabo, de ressuscitar os velhos e lindos bordados portugueses.

(Foto «Ilustração»)



Chegado a Lisboa, acompanhado de sua Ex.^{ta} esposa, o ilustre diplomata e prestigioso jornalista dr. Trindade Coelho, nosso ministro plenipotenciário em Roma, visitou o «atelier» de mestre Columbano, o glorioso artista



No acto da posse do novo ministro dos Negócios Estrangeiros, sr. comandante Manuel Quintão Meireles, o chefe do governo, coronel Vicente de Freitas, conferindo a posse ao novo ministro



O ilustre Chefe do Estado inaugurando a interessante Exposição de Artes e Indústrias promovida no Monumental Club (Palácio de S. Luís), pelo nosso prezado colega Diário de Notícias

(Foto «Ilustração»)

AOS LEITORES DE «ILUSTRAÇÃO»

A DIRECÇÃO DESTA REVISTA, AO SAÚDAR, NESTE COMEÇO DE ANO, OS SEUS AMIGOS E LEITORES, DESEJANDO-LHES A MAIOR FELICIDADE FUTURA, CUMPRE O DEVER DE SE ESCUSAR PELA FALTA INVOLUNTÁRIA DE TER SIDO SUSPENSAS A REGULAR APARIÇÃO DO «LIVRO DE BRAZÕES DE PORTUGAL» E RESPECTIVAS «SEPARATAS» EM CÔRES. UM PRECALÇO DE ORDEM TÉCNICA QUE INUTILIZOU DUAS SÉRIES DE CHAPAS DE NOVE CÔRES CADA, OBRIGOU-NOS A ESTE COMPASSO DE ESPERA QUE SE NÃO PROLONGARÁ, CREMOS. NO ENTANTO, PEDIMOS DESCULPA DESTA FALTA E JULGAMOS MERECEER INDULGÊNCIA.

PELO NORTE DO PAÍS



O ilustre pintor e professor João Ramos que, na capital do Norte expôs, ultimamente, no Salão Silva Porto, uma notável coleção de quadros em que o seu talento de paisagista se afirmou invariavelmente, marcando este certamente como um insalvável acontecimento de arte, concorrência e venda.



NO OVAL, em cima: — Inauguração da luz eléctrica em Valongo. O rev. bispo-coadjutor do Porto (à saída da cabine de transformação depois da bênção) (Foto Alvaro Martins)

AO CENTRO: — BRAGANÇA. — Após a imposição do «Mérito civil» concedido pelo governo espanhol ao Governador Civil de Bragança, capitão Tomás Frangoso. 1. Governador de Zamora, D. Ramon Lopez Montenegro, que fez a imposição. 2. Governador civil de Bragança. 3. D. António Martins, Rev. Bispo de Bragança. 4. Doutor-Julz Viriato Lima. 5. Delegado do Procurador da República. 6. Coronel Francisco Carneiro, presidente da Junta Distrital. 7. Dr. Luis Rodrigues. (Foto Tenente S. Pimenta)

NO OVAL, em baixo: — Porto. — Jantar de homenagem oferecido pela colónia brasileira ao seu consul, dr. Adhemar de Melo, pelo êxito da excursão luso-brasileira a terras de Santa Cruz (Foto Alvaro Martins)



Retrato de M.^{me} Maria Leonor Barreiros, um dos mais belos quadros expostos no Porto por Acácio Lima



A ESQUERDA: — Grupo da assistência elegante à inauguração da exposição de pintura do professor da Escola de Belas Artes do Porto, Acácio Lima, que se vê no centro do grupo. Ao fundo o grande quadro «Silêno» (Fotos Alvaro Martins)

«Ilustração» patrocinada o Salão de Primavera da Elegância Feminina, Artes Industriais e Decorativas que a revista «Voga» promoverá no magnífico Palácio de Cristal do Porto. Pelas nossas páginas passardão todas as firmas expositivas e as belezas dos seus produtos

VIDA SOCIAL E ARTISTICA



NO ALTO DA PÁGINA. — Aspecto parcial da Exposição de quadros do magnífico Grupo Silva Pôrto, na Sociedade Nacional de Belas Artes e que foi o grande acontecimento artístico da quinzena

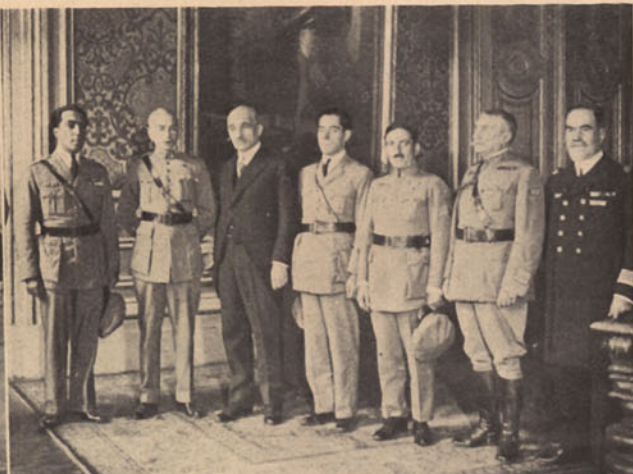
(Foto Illustração)

EM CIMA, à direita. — Uma formosa marinha de Palácio Trigoço, na Exposição do Grupo Silva Pôrto

(Foto Mário de Novais)

A ESQUERDA. — Carlos Reis, o mestre incontestado do Grupo Silva Pôrto expôs na Sociedade de Belas Artes o formoso quadro que reproduzimos, dum realismo forte e dum técnica inexcelável

(Foto Mário de Novais)



Aspectos da chegada dos gloriosos aviadores que efectuaram o «Raide» Lisboa-Angola-Mozambique. A esquerda. — Esperando o atracar do paquete. A direita. — O capitão Pais Ramos, tenente Esteves e mecânico Manuel António com o chefe do Governo e sr. Presidente da República, por ocasião da recepção nos Paços do Concelho

(Fotos Illustração)



DE TODA
A PARTE



O monumental edificio do «Presidente Hotel», o maior estabelecimento hoteleiro de Macau e um dos melhores do Sul da China, recentemente inaugurado pelo governador daquela colónia sr. Tamagnini Barbosa, permite uma numerosa assistência. Este edificio que veio a custar meio milhão de patacas, tem 80 quartos para hóspedes, dez salas de jantar, um *restaurant* e um esplêndido salão cinematográfico. Esta arrojada iniciativa pertence ao activo capitalista de Macau sr. Hee Cheong cujo retrato se vê no medallhão que é um grande amigo de Macau e dos portugueses.



AO ALTO DA PÁGINA: — Alguns dos convidados que assistiram à *soirée* que ofereceu, há dias, na sua linda casa de Paris, em honra do grande escultor Teixeira Lopes, por ocasião da inauguração do Monumento aos Mortos da Guerra a distinta escritora D. Olga de Moraes Sarmento.

NO OVAL, em cima. — Inauguração, na rua Alexandre Herculano, do estande «Marmont» em que a conceituada firma Freitas, Filho & C.ª expõe maravilhosos carros daquela grande marca.

(Foto «Ilustrações».)

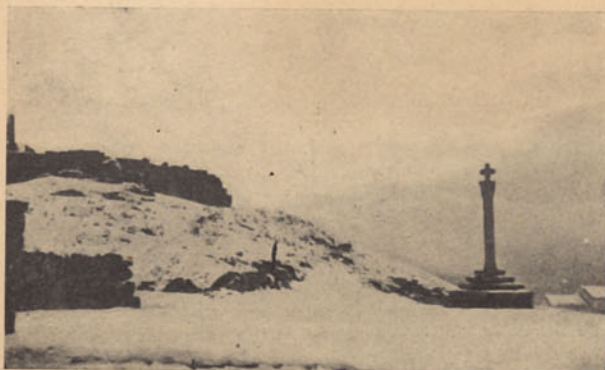
A DIREITA: — Inauguração do Padrão aos Mortos da Grande Guerra em Angola. O governador geral, dr. Damas Móra, ouvindo a leitura da acta de entrega.

(Foto *Havanca-Loanda*)



EM BAIXO. — Aspecto curioso dum nevão em Aguiar da Beira

(Foto A. de Almeida Araújo)



Aguiar da Beira sob o nevão

(Foto A. de Almeida Araújo)



OTILIA LINDENBERG

onde viveu alguns anos antes da guerra, por isso transmitiu à discípula a técnica dos aguarelistas ingleses.

D. Otilia Lindenberg é uma admiradora apaixonada da luz e da cor, por isso preferiu a aguarela que melhor interpreta as cores delicadas, e que melhor acerta nos países do sul em que tem pintado: Espanha, Portugal, Egipto e Brasil.

A ilustre pintora brasileira vai, dentro de muito breve, fazer em Lisboa uma exposição dos seus trabalhos, entre os quais figuram vários aspectos dos nossos costumes e paisagens.



São de D. Otilia Lindenberg as formosas aguarelas que nesta página reproduzimos:

EM CIMA, À esquerda: — *Retrato de M.^{rs} Ferreira de Almeida*, esposa do nosso ministro no Chile. À DIREITA: — *Uma rua da Lisboa velha*. AO CENTRO, e em baixo: — *O desembarque do peixe e Barcos de pesca no Tejo*

ENCONTRA-SE entre nós uma figura marcante da arte brasileira, a sr.^a D. Otilia Lindenberg, antiga discípula do professor Jorge Elpons na sua escola de pintura de São Paulo. Tendo-se dedicado primeiro à pintura a óleo, expôs várias telas no Salão de Belas Artes do Rio de Janeiro, onde já obteve menção honrosa.

Em 1921 foi viver para Munich, sendo discípula do famoso professor Begner de Latour durante alguns anos; passou então a dedicar-se exclusivamente à aguarela, fazendo a sua primeira exposição nesse género de pintura em 1926 na Galeria Paulus de Munich, obtendo as mais lisonjeiras críticas. Em Dezembro do mesmo ano fez uma exposição em São Paulo, onde foi carinhosamente acolhida.

Begner de Latour pintava em Londres,



VARIACÕES

SOBRE A PROBIDADE LITERÁRIA

I

Alfredo de Musset, o mais sincero temperamento de poeta dos grandes românticos franceses, e o espírito mais fino e scintilante da sua época, perguntou um dia aos seus contemporâneos:

*Qui des deux est stérilité,
Ou l'antique sobriété
Qui n'écrit que ce qu'elle pense,
Ou la moderne intempérance
Que croit penser dès qu'elle écrit?*

E acrescentou logo, com tão graciosa ironia:

*Bien soit Dieu! les gens d'esprit
Ne sont pas rares cette année!
Mais dès qu'il nous vient une idée
Pas plus grosse qu'un petit chien,
Nous essayons d'en faire un dieu.*

Ele que, no juízo de Taine, não mentiu nunca, não disse senão o que sentia, e como o sentia; em cujos versos cada alma encontra os seus próprios sentimentos, os mais fugitivos, os mais íntimos, — diagnosticava com justiça, em muitos dos escritores do seu tempo, essa *intemperança* literária que «julga pensar (ou sentir) só porque escreve». E satirizava com elegante subtilidade os que, tendo uma ideia do tamanho dum cão de reago, com ela tratam de fazer um burro. Falta censurável, sem dúvida (mas que dizer daquelles que, sem terem *ideia* nenhuma, teimam em fazer o burro, *quand même!*), e em que incorreram alguns dos maiores dessa magnífica pleiade romântica, entre elles o grande Hugo da tuba altíssimoante, que bastas vezes supria com a ressonância do inflado verbo, a ausência de vivo sentir ou de propio pensamento.

Senhor de uma língua de incomparável abundância e sonoridade, e de uma poderosíssima imaginação, elle, o olímpico porta-bandeira, conseguiu parecer grande mesmo nas horas em que a sua forte inspiração andava arredia, em que a Musa divina o não visitava. E, numa ilimitada avidez de celebridade e aplausos, mesmo então continuava a assoprar a tuba, ante o pasmo da turba que o proclamava quasi um deus, e que não sabia distinguir quando a voz do poeta era sinceridade e vida, ou quando era apenas mero artificio e som grandiloquo.

Mas já não se iludiam assim os melhores espíritos do tempo, e a posteridade não perdou ao Autor da «*Legenda dos séculos*» essa menor probidade literária, ou essa *intemperança*, na bem adequada expressão de Musset. A posteridade separou, ou melhor, o

tempo vai separando na sua obra — para a vida e para a immortalidade, o que em verdade era vivo — e para o esquecimento, o que fingia viver e era morto.

Assim o tempo, inexorável, procede sempre com as obras dos homens, pertençam elles à esfera do génio, ou à mais humilde do simples talento.

II

«O carácter é metade do talento», dizia Antero, e cuidamos que acertadamente o dizia, e com sobeja razão se traduzirmos carácter por probidade intelectual. Já uma vez alguém me objectou em contrário que os de menos probidade eram os que mais depressa e facilmente triunfavam. A objectção é verdadeira para quem estima antes triunfos fáceis que duradouros, para aqueles que nas Letras e nas Artes mais não procuram do que a satisfação de uma mesquinha vaidade momentânea, e não as amam por si mesmas, nem tem a mais nobre ambição de legar alguma coisa de si ao futuro.

Foi também Antero quem disse, numa das suas cartas, e acerca de si próprio, que o artista e o poeta devem cessar de produzir, desde que sintam enfraquecidas ou perturbadas as suas faculdades criadoras. «É um sacrificio que lhes impõe a probidade estética, se assim posso dizer. Ora vai em três anos que é este o meu caso. Possuindo um processo e conhecendo os segredos da arte poética, podia, como tantos outros, continuar a fazer versos, maquiavelmente».

Mas afirma logo que achou mais honrosa, e até mais prudente, a solução contrária, por saber «que a vontade e processo não podem suprir a graça, sem a qual as obras mais bem feitas não passam de sepulchros caiados».

São raros, em todos os tempos, os escritores que levam tão longe os seus escrúpulos, e a literatura de hoje antes padece geralmente dessa intemperança de que falava Musset. Grande número de escritores sacrificam com frequência, o critério da qualidade, a um critério única e grosseiramente quantitativo. Os mais dêles o farão por cálculo e de caso pensado, confiando que o público os classifique de grandes escritores, só porque publicam muito (o que muitas vezes succede, e portanto parece justificá-los).

Se digo estas coisas, não é porque tenha a alta pretensão de corrigir e reformar as Letras (as minhas ambições são mais modestas, e já me contento quando sou capaz de me corrigir a mim próprio, que também destas meditações espero beneficiar), mas porque creio dizer uma verdade, e as verdades é sempre bom que se digam. É sempre provável, ou ao menos possível, que aproveitem a alguém, e em especial aos mais moços, aos que ainda não contraíram o vício da intemperança, e estão, pois, a tempo de fugir dêle.

III

Vem de longe a afirmação, tão repetida modernamente, e tantas vezes incompreendida, de que as obras literárias valem sobre-

tudo pelo «estilo», e de que, às grandes obras — primas da Humanidade «é o estilo que as immortaliza». Eis uma fórmula que embora contenha uma boa parte de verdade, quando devidamente interpretada, me parece ainda assim exageradamente simplista, e parcialmente falsa portanto. Mas, o pior inconveniente desta e idênticas fórmulas paradoxais, está nos equívocos a que se prestam. É certo que o «estilo» para os «iniciaes», para os conhecedores, não se confunde com *simples forma literária*, com o recorte da frase, pois encerra um significado bem mais rico; e que Flaubert enunciava uma ideia justa, quando escrevia que o estilo «está tanto debaixo das palavras — *sous les mots* — como nelas próprias — *que dans les mots*»; é tanto a alma como a carne duma obra». E por isso declarava também: «je reponse systématiquement autre chose que le mauvais langage» e — «comme le style n'est qu'une manière de penser, si votre conception est faible, jamais vous n'écrirez d'une façon forte».

Vistas assim as coisas, a concepção do estilo de Flaubert só aparentemente se opõe a esta outra de Renan, em «*Recordações de Infancia e Juventude*»: Porque a regra fundamental do estilo é ter unicamente em vista o pensamento que se quer inculcar, e por conseguinte ter um pensamento». E, noutro ponto: «Por mim, creio que a melhor maneira de formar rapazes de talento, é não lhes falar de talento nem de estilo, mas de os instruir e excitar fortemente o seu espírito sobre as questões filosóficas, religiosas, sociais, científicas, etc., etc. Numa palavra, proceder pelo ensino do fundo das coisas, e não pelo duma vazia retórica».

Sim, o ensino do fundo das coisas é essencial e excelente; mas não esqueçamos também o das belas formas sugestivas de pensamento e sentimento, animadas da alma, que não é menos necessário, e Renan que as amava e cultivava como poucos, bem o sabia. Não esqueçamos sobretudo a cultura do sentido da harmonia, que «é o fundo mais íntimo das coisas», pois como dizia Carlyle: «Todas as coisas profundas são canto. Parece ser, duma maneira ou doutra, a nossa essência verdadeiramente central, o canto. E ainda: «Um pensamento musical é um pensamento falado por um espírito que penetrou no coração mais íntimo da coisa».

De tudo isto se conclui facilmente que a essência, a alma das verdadeiras obras de Arte, literárias ou plásticas, é a Inspiração, é a vida, de que a forma bela não é senão o corpo revelador e visível. Formas sem alma, sem inspiração, são pois formas mortas, e que não podem por isso mesmo ser belas.

E assim, a primeira condição para se criar beleza é sentir ou pensar fortemente, — melhor ainda, sentir e pensar fortemente. Escrever ou pretender fazer Arte sem ter nada a exprimir ou a revelar, usando das palavras e das imagens com simples habilidades de prestigitador, é mentir, é faltar à primeira norma da probidade estética: a sinceridade.

ANTÓNIO FERREIRA MONTEIRO.



MARIA ADELAIDE DE LIMA CRUZ—Casebre aldeão

OS GRANDES HOMENS DA REVOLUÇÃO FRANCEZA VISTOS ATRAVÉS DAS SUAS ASSINATURAS

«*Tal escrita tal carácter*», afirmava há bons vinte anos o sr. Paulo Barbe, mestre grafólogo e psicologista interessante.

Um dia a curiosidade mordeu-o e deu-se ao estudo das assinaturas dos grandes vul-



Assinatura de Danton

tos da Revolução Francesa. Talvez lhe não fôsse muito difícil êsse estudo, tratando-se de pessoas que a história já definiu, mas como lhe encontrámos interêsse e o podemos acompanhar das assinaturas dos personagens, vamos reproduzi-lo. Aqui ficam, pois, essas garatujas que para muitos milhares de criaturas valeram a última palavra do Destino e foram na maioria dos casos letras à vista sôbre o cutelo do carrasco.

DANTON. — Assinatura enfática como o homem que a usava. Haja vista ao D de contôrno largo e à garatuja exagerada que a termina. O traço do t muito longo indicanos um homem de génio vivo e acção rápida.

O N em forma de U diz-nos que Danton não era feroz e que, pelo contrário, era susceptível de ser benevolente.

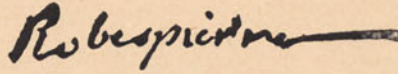
Os caracteres redondos e inclinados dizem-nos ainda que êle foi um affectuoso sincero, embora feito duma só peça (largura e firmeza da letra) e possuindo tôdas as energias dos lutadores.



Assinatura de Luis XVI

LUIS XVI. — No L enorme, cobrindo, guardando a firma, há uns restos de vaidade rial.

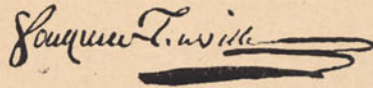
As letras, subindo em tamanho, indicam bonhomia, compassividade, faculdades de perdão. A formã alta e estreita dos caracteres indica o tímido; a sua pouca harmonia



Assinatura de Robespierre

acusa, junta à forma do O e do pesado do conjunto uma natureza concentrada, um carácter fraco e uma inteligência mediôcere.

Resumindo: Uma optima pessoa sem a virilidade e a decisão que determinam as re-



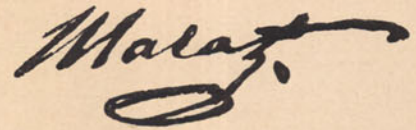
Assinatura de Fouquier-Tinville acusador público

soluções firmes e rápidas. Brinquedo dos nobres e do povo, condenado a ser arrastado e comprometido por uns e outros.

ROBESPIERRE. — O homem do terror, cujo carácter nada tinha de terrível. A sua assinatura, pequenina, contrasta com a de Mirabeau, de Marat, de Danton, de C. Des-

moulins. A característica de Robespierre é a «habibilidade». A sua letra de caracteres justapostos e harmoniosos dá-nos o imaginativo intelectual.

Robespierre escreve primeiro uma letra de cada vez, depois duas a duas e no fim de



Assinatura de Marat

várias sinuosidades chega à última e termina por uma linha recta, massiça e agressiva. E assim foi êle. Seguro de si, feria sem alma, perdendo contudo essa firmeza logo que o terreno lhe fugia.

FOUQUIER-TINVILLE. — A assinatura do acusador público tem uns traços curiosos e inesperados.

Fouquier, a-pesar do seu officio não devia ser mau no fundo. Tudo na sua firma é ondulante, as curvas belas succedem-se dando a impressão da pessoa amável, quasi sedutora...

Uma vez, porém, acabado o nome, terminada a pessoa, surge o officio. São riscos severos acabando por um quasi borrão a marcar a intransigência do funcionário. É talvez o homem zangado com o funcionário aborrecido da sua rigidez e enjoado da sua ferocidade.

MARAT. — Materialão na mais extensa acepção da palavra (letra gorda em excesso).

Homem sem ideais, cheio de vontade, de casmurrice (maiúsculo muito anguloso), e de

ILUSTRAÇÃO

tenacidade na violência (traço do *t* longo, gordo e farpado).

O final da assinatura enrolado sobre si mesmo diz-nos até onde chegaria a sua teimosia que o punhal da Corday inutilizou.

Contudo o deitado da escrita diz-nos que seria susceptível de qualquer afecto.

COUTHON E SAINT-JUST. — Juntamos êstes senhores por haver nas suas firmas um

Assinatura de Saint-Just

ponto de contacto muito importante: ambos usam o «verticalismo» que marca bem as pessoas inexoráveis.

Nestas almas nunca houve piedade para ninguém. Saint-Just era mais desconfiado (assinatura marcada com um ponto), Couthon mais voluntarioso (o *n* final terminado em gancho).

Ambos utopistas, sonhadores, imaginativos (caracteres soltos) e sinceros na sua maldade.

COLLOT D'HERBOIS. — Activo na mais pura acção do termo, Agitado. Inquieto.

Nada vaidoso (maiúsculas pequenas) nem ambicioso (escrita descendente).

Assinatura de Couthon

No fundo boa pessoa (caracteres arredondados), mas, uma vez lançado, incapaz de se deter. A garatija angulosa e o traço lançado até muito longe denotam um homem pronto à defesa e disposto ao ataque.

CAMILLE DESMOULINS. — Um impulsivo com todos os defeitos e qualidades inherentes do impulso. Sem nenhum sangue frio (letra desigual), grande sensibilidade (caracteres desigualmente inclinados), facilmente derrotável (letras subindo até meio da assinatura para descerem depois).

O traço final indica o homem capaz duma defesa extrema que fica, porém, repentinamente suspensa.

Vontade prejudicada pela sensibilidade. Cabeça esquentada pedindo vítimas, e olhos chorando à vista do cutelo.

MIRABEAU. — Fogoso em excesso. Apaixomado, a sua letra alta, viril e compacta diz bem com o orador da Revolução.

Inteligência poderosa, cheia de lógica implacável (o *t* e o *d* ligados à letra seguinte, ponto do *i* formando a cabeça do *r*...) era o homem capaz de dominar as assembleias pela palavra e pelo gesto.

Enérgico (escrita angulosa), versátil (falta de direcção), podia passar dum a outro campo cobrindo habilmente os obstáculos (caracteres gladiolados, escrita ondulante),

Assinatura de Collot d'Herbois

sem contudo acreditar muito em alguém (assinatura com ponto final).

Até aqui o estudo grafológico do sr. Paulo Barbe. Resta-nos deplorar que o Destino não tivesse consentido a êsses homens uma letra diferente e mais consentânea com a bondade humana.

Quem sabe se, em verdes anos, um bom professor de caligrafia não teria conseguido evitar ao mundo e à França essa monstruosa sangria feita «à la diables», matando à esquerda e à direita com a inconsciência estúpida duma onda e a malvadez indeterminada duma erupção vulcânica.

Porque nunca se mentiu melhor nem mais ferozmente. Nunca, em nome dos princípios santíssimos, se cometeram assassínios com tal desplante e se ludibriou um povo com descaço parecido. Ao pé disto tôdas as felicidades de pataco são concepções ingénuas e inofensivas a que não falta mesmo uma certa graça pueril.

Que pena faz que tais homens soubessem escrever!

Se êles tivessem assinado de cruz que esplêndido argumento teríamos agora para condenar o analfabetismo!

E, quem sabe? talvez, com outro talhe de letra, todos êles tivessem sido boas pessoas e o próprio Marat tivesse pedido humilde-

Assinatura do tribuno Camille Desmoulins

mente o hábito pacífico dos Irmãos Hospitalários. Digo isto porque estou certo que há letras que obrigam, formas de escrever que imprimem carácter e obrigam mais tarde ou mais cedo o seu autor a, mesmo contra vontade, «honrar a assinatura».

Era curioso descobrir se os grandes homens da revolução francesa foram assim porque assim escreviam ou se escreviam assim porque tinham no seu horoscopo um destino de carrascos.

Sem querermos de modo nenhum profundar ou esclarecer o dilema, lembramos ao mundo a utilidade de no futuro os grandes legisladores escreverem à máquina.

A guilhotina, que foi com alguns lustres

Assinatura do Conde de Mirabeau

de antecedência o tinteiro de Nietzsche (que mandava tôda a gente escrever com sangue) já está velhota e tão fora de moda como o mestre filósofo que fez palrar Zarathustra e o mundo já pode passar sem êle e sem ela.

Razão de sobra tinha o pobre e grande Bastrina quando escrevia no «Algo»:

*Es un gran puñal la pluma
Y un gran veneno la tinta.*

VIDA SCIENTIFICA

A GRANDE CATÁSTROFE
DO ANO 79



Vista geral das escavações de Herculano. Ao centro: a grande rua

No ano 79, antes de Cristo, uma erupção do Vesúvio cobriu de lava e de cinzas as cidades de Herculano e Pompeia.

Depois desta catástrofe vulcânica muitas outras se produziram, na Europa e fora dela, algumas excedendo-a em violência destruidora. Regiões há, com as das ilhas nipónicas, em que são extremamente frequentes as erupções vulcânicas e os abalos sísmicos. No entanto, nós esquecemos facilmente êsses desastres nossos contemporâneos, e quando pensamos em vulcões activos é o Vesúvio que primeiramente nos vem à lembrança, reu de ter destruído, num dia de fúria, duas cidades romanas.

O lugar privilegiado que ocupa na memória dos homens a erupção de 79 deve-se ao predomínio que exerceram os escritores latinos, principalmente a partir do movimento literário da Renascença. A humanidade, a que o progressivo bem-estar concedia vagares e dava o desejo de ler, entre-

gou-se ao estudo das obras que tinham sobrevivido às invasões dos bárbaros. De então até ao século XIX foi mais conhecido o que se tinha passado no tempo da dominação romana do que os acontecimentos que se iam produzindo dia a dia. Para o caso das erupções vulcânicas: elas sucediam-se, acumulavam-se desastres, mas de pais a filhos, e dos livros de um século aos do seguinte, ia perdurando na memória, como desastre máximo entre todos, o das cidades de Herculano e Pompeia enterradas sob lava e sob cinzas.

As cinzas cobriram Pompeia; Herculano morreu sob lava. A primeira era uma grande cidade da província, centro de negócios, terra de comerciantes, povoação de vida intensa onde se trabalhava e se ganhava dinheiro. Herculano era uma estância de repouso e de prazer, onde se gastava dinheiro. Agripina, mãe de Nero, chamava-lhe um paraíso para os deuses mortais. A multidão

dos novos ricos e dos estroinas corrompidos enxameava em Pompeia. No repouso de Herculano deliciavam-se alguns altos espíritos, como Cícero e Séneca.

Todos sabem que a erupção foi violenta e brusca, acompanhada de trovões, uma tempestade infernal que durou 72 horas. A lava descendo em torrentes cobriu Herculano, sem que os habitantes pudessem refugiar-se no mar apontado por medonho temporal. Morreram alguns milhares de pessoas cujos cadáveres se encontram hoje sob uma camada de lava de 20 metros de espessura.

Nos tempos modernos procura-se libertar as duas velhas cidades do pesado manto que as oculta há quasi dois mil anos. Começaram as escavações em Pompeia, há 180 anos, estando hoje desenterrada mais de metade da área da antiga cidade. Ao mesmo tempo, tem-se procedido a trabalhos de reconstrução, diligenciando manter o antigo aspecto, empregando materiais encontrados nas pró-



O altar dos deuses Lares, em Pompeia

prias escavações ou outros muito semelhantes.

Foi recentemente descoberta uma rua mais, tendo de um lado estabelecimentos comerciais e do outro casas de moradia com aspecto de conforto e riqueza. Numa delas encontrou-se um altar consagrado aos deuses Lares, cercado de frescos. Num canto da mesma rua, uma das casas tem uma varanda com decoração feita a mármore de cores. Junto à casa, uma pequena fonte, como havia em muitas ruas romanas.

As escavações em Herculano só agora se estão realizando com bastante actividade. A cidade ficava junto do mar; mas como o golfo se encheu de lava até cerca de 300 metros da costa, é agora muito para o interior das terras que as escavações se estão fazendo. Já algumas ruas e construções estão a descoberto, figurando como um dos trechos mais curiosos o jardim da casa de Argus.

Para o «touriste» e para o simples leitor é sempre curiosa a descoberta de um quadro em que viveram os nossos antepassados de há dois mil anos. Para os investigadores, essas escavações tem a maior importância, por documentarem e auxiliarem a interpretar os escritos que nos legou a esplêndida civilização lusitana.

F. MIRA.



O jardim da casa de Argus, em Herculano

NOS CAMPOS DE BATALHA DA FLANDRES

(NOTAS DE VIAGEM)

(A M. LLE G... QUE TAMBÉM VIAJOU COMIGO, POR OBRA DO PENSAMENTO.)

BETHUNE. — Um sol muito brando, quasi irreel, filtrado pelo ar gelado, dá o seu quê de levitação aos prédios silenciosos da extensa cidade mineira. Esta artéria por onde vamos é uma estrada arrastando interminavelmente o casario em-pós, ou um bulvárde? Tudo novo, em fôlha, como se nesta quadra, acabasse de saír da terra, à maneira dos crisântemos. As ruínas, se existem, é apenas nos bilhetes postais e na memória dos homens.

Na enorme praça paira uma adorável quietude provincial. Ao centro o *beffroi*, com os seus gilvazes da guerra e o gris cromático de silharia picarda—êste gris que, ao sol, parece uma sinfonia da bruma, da terra, da luz baça do Norte—direito e teatral como um rei de armas. Os obuzes alemães picaram-lhe os panos, mordiscaram-lhe as quinas, demoliram-lhe os creneis, e êle perdurou erecto, inabalável na sua rija estrutura merovingia. O Agatão Lança tira-lhe o chapéu, reverentemente.

Além, naquele edificio, de linhas elegantes, obrigadas ao jôgo da vertical, piquetes de operários assentam um teto agudo, em machado, à moda flamenga. São os paços do concelho que ressurgem, ao fim de todos, como quem cumpre o dever de ser o último. As fachadas dos prédios aparentam um certo *donaire*, hirtas mas levemente impertigadas. Riscou-as, porventura, o lápis alemão; edificou-as o operário alemão e o prisioneiro de guerra. E nas cidades como Bethune, como Albert, onde não permaneceu pedra sobre pedra, ficou estampada um pouco da fisionomia germânica. Não o germânico da Prússia, frio e faustoso; mas um germânico transaccional, tamisado pelo gôsto do Sul.

Já está de pé a igreja imensa de S. Waast. Com os seus muros de tijolo, precintados de pedra, as suas colunas de tijolo, aneladas de pedra, sanguínea, esplêndida, tornou outra vez a albergar o misericordioso Deus dos exércitos. Com as amplas naves, povoadas de estátuas brancas, os azulejos policromos,

ao gôsto bisantino, tem o ar agradável, arejado, dum pavilhão luxuoso para folguedos e quermesses. A altura da charola, uma lápide de mármore, encimada de leopardos rompantes, encomenda as almas dum milhão de ingleses que naquela frente morreram pela glória do Senhor e do Império.

Num grande café, docemente tépido e só murmuro o que basta para não parecer adormecido, deixamos voar o tempo diante da boa cerveja preta, servida em canecas de barro. A porta, o nosso «*Délage*», que deu 110 à hora, coberto de pó, salpicado de lama, figura um glorioso carro de marechal nos dias heróicos de batalha.

LACOUTURE. — Dez minutos por meio da várzea, Cheira à terra lavrada, êste cheiro que resume todos os incensos vegetais e todos os aromas da vida e da morte. Atrelagens de quatro cavalos rasgam glebas intermináveis. Camponozes vão sepultando à pásada rumas imensas de beterraba. Raro se lobra ramo nos horizontes; a metralha ceifou as árvores e as que restam são mais sinistras que justicados abandonados aos cardos no viso dos oiteiros. Sêcas, ou com uma mecha de rebentos no coruto, lançam umas ao céu braços desesperados; perfilam outras um tronco monstruoso e enegrecido, como colunas de bronze, calcinadas; outras, ainda, mostram o flanco escavado de alto a baixo, como se as houvesse fulminado o raio. Aquelas, em que dois renovos teimaram em vingar, parecem ter sede e pedir às aves que não tenham medo; as outras são cadáveres insepultos, lúgubres, para vergonha dos homens.

Ao longe condensa-se um fuminho côr de cinza; é arvoredado? É o *hameau*? São as chaminés da terra mineira? É o esfumado lívido dos horizontes sem fundo, o confin da visibilidade na *plaine, plaine blême, interminable, toujours la même*.

Um cotovêlo de estrada, entre patos, que saem processionalmente do charco, e uma



Os sinos de La Couture

abegoaria, e rola-se em Lacouture, terra en-sopada do nosso sangue. O monumento português é esta empina de pedra, truncada, com figuras simbólicas em bronze, erguido, obra dum côvado, em platibanda, acima da cruzeta dos caminhos. Comemora o heroísmo e as virtudes dos soldados portugueses, caídos na terra da Flandres? Dizem as vozes que sim; a inscrição *Hommage du Portugal à la France immortelle, Reduit de La Couture, 9 Avril 1916*, não nos dignifica, porém, a nós. Glorifica a nação aliada; não é um preito de piedade pelos nossos, é um incensório pelos outros.

À rectangular da memória, estende-se o chamado *reducto* de Lacouture. São cem metros quadrados de terra a que o alvião e a charrúa pouparam a inconcebível teatralidade da guerra. Estas rumas de pedregulhos e paralelepípedos, de pedras que parecem nós de moinho e eram silhares de colunas, de cacos de tijolos e azulejos, de pias de água benta esboceladas, de cornijas partidas, de santinhos mais desmembrados que cadáveres na mesa anatômica, isto tudo foi o material da igreja matriz. Ali se estabeleceu o «*blockaus*», mercê do qual setenta ciclistas ingleses, em duas ordens de fogo como nos navios, puderam varrer com metralhadoras as formações alemãs que, a coberto do nevoeiro, avançavam de oeste e sudeste. Ali se refugiaram os sobreviventes portugueses, duas centenas de praças, duas dúzias de oficiais, e ali resistiram, e dali partiram em cativo. Do templo nada foi respeitado pelos combatentes, nem as imagens dos altares, nem o Santíssimo no tabernáculo. *Got mit uns*—proclamavam os alemães,— *Dieu est avec nous*—proclamavam os franceses,— escreve Barbusse—e uns e outros devastavam a casa do Senhor e, em sua fúria, para vencer, metralhariam o próprio Senhor. Escaparam os sinos que, suspensos entre dois postes, à frente duma ca-



O pedestal do monumento aos mortos da guerra em La Couture, com a sua infeliz legenda



A igreja de Bapaume depois do bombardeamento

pela improvisada com madeira e fólha, voltarão a chamar as almas, enquanto estiverem calados os clarins. Contíguo à igreja ficava o cemitério que persiste, tal qual o deixou o furacão, como uma das páginas mais macabras e vivas da guerra.

Rezam os santos padres que no dia de juízo, ao som da trombeta do vale de Josafat, se despedirão as lousas das campas e que abrirá bocas todo o palmo de terra que cubra defuntos. Aquel. cemitério de Lacouture recebeu antecipadamente a buzina final. Os túmulos foram esbandalhados, partidas as lajes, semeadas as cruzes e símbolos, desconjuntados os gavetões, e só se não sabe para onde foram os mortos. Que os pulverizasse a metralha ou que mãos piedosas andassem a arrebANHAR os despojos, depois da profanação, não importa. Tudo é vaidade de baixo da rosa do sol, até o repouso eterno dos mortos, este *requiescat in pace* que a antífona cristã lança como uma montanha sobre o peito dos finados. A guerra, neste particular, trouxe plena confirmação ao Eclesiastes.

Por toda esta terra santa fora, se encontram destroços das *bondieuseries* com que é costume enfeitar as sepulturas. Causa já um certo nójo vê-las intactas de cima do aparelho mortuário; dá calafrios encontrá-las aos pontapés, aviltadas, fanadas, negras, comidas pelos ácidos da terra, a cheirar ainda mais a morte. Mas o horrível espectáculo está, sobretudo, no caos em que ficaram campas e mausóleos, tombados, escavacados, encavalados uns nos outros, meio soerguidos, com seus buracões, como furnas, a negrejar. Uma pedra larga, de basalto, empinou e, em escorregadioiro, parece a tampa monstruosa dum dolmen. Um carneiro, fuido e largo como cisterna, deixa a nú toda a sua arquitectura interior e o uso que fizeram de suas jazidas. A côma dum sepulcro inchou e tem-se a impressão de que entraram para lá muitos mortos por cima dos mortos, que já lá estavam, empurrados pelos obuzes.

O espectáculo, dada a antecipação com que ali se arrisca o pé, não produz a emoção que lhe empresta a imaginativa. Mas não será temerário representar os cadáveres em bolan-

das ao percutir das granadas; a darem pulo para o meio dos vivos; a misturarem-se com eles; a serem triturados, juntos, pela mesma rajada de fogo. E, recíprocamente, não se nos afigura fabuloso supôr os vivos buscar o amparo dos mortos, deitarem-se com eles no mesmo leito de podridão, e até revezá-los no pasto.

Compreende-se que todo o sub-solo da necrópole, que era grande, fôsse revolvido até os fundamentos, depois de trinta e duas horas de canhão. Nada ali quedou intacto, nem na forma primitiva. A metralha baralhou tudo o que não pôde dissociar.

Detrás daqueles túmulos aguentou-se, durante muito tempo, com duas metralhadoras, o tenente Antunes; dali regulou êle as alças das espingardas para trezentos metros, de modo a varejar o inimigo que, contornando Lacouture, avançava de Sénéchal para Vieille-Chapelle; e, cêra, caiu o alferes Alberto Pereira da Costa e cinco soldados do 15. A este cemitério, abandonado a todo o seu horror, coube um guardião condigno: o Cristo que aí está, face virada aos caminhos. Ergue-se sobre uma negra e alta cruz; tem uma perna seccionada pela virilha, outra pelo joelho; não tem um braço; o tronco é enorme como são enormes todos estes Cristos picardos que se levantam súbitamente, de espaço a espaço, nas curvas das grandes estradas nacionais. O seu ar é duro, quasi castelhano, ar de quem está a amaldiçoar. De têt, negro como um tição. É um Cristo pensamento e obra de Satanaz.

Este monstruoso fantasma, este cemitério despojado de cadáveres e cheio de pesadêlos, esta igreja arrazada, monte de pedras e de silêncio, excedem todas as visões de Dante nos infernos.

Tomamos o rumo do Sul pela estrada de asfalto, 29, que luzidia com o molinheiro, direita e interminável; lembra uma fita de aço, à flor da terra, esticada nos confins do horizonte. Nem moita, nem casal. Uma terra baça, gorda, em que lateja a fecundidade, estende-se, com suas ondulações lentas, a perder de vista. Andou a virá-la a charrua para a próxima sementeira e o ar húmido

está saturado dum aroma acre. Aqui e ali núvens de corvos esgaravavam nos campos que deram beterraba ou levantam num grande espalhato de rémiges para poisar, em vôo baixo, mais adiante. São taludos como abetardas e parecem-me magros. Alguns devem ter-se habituado à antropofagia e o regime vegetariano ser-lhes há intolerável. Não grasnam como os seus irmãos de Portugal; teriam perdido a voz no fragor rolante das batalhas, ou aprendido com os *nettoyeurs* de trincheira e com os homens dos *raids* a ser silenciosos? Causam-me dó os pobres passarões neste período das vacas magras. Engordaram, proliferaram em grande escala, e, enquanto os tempos não forem revolutos e o Deus dos exércitos se não amerceie dêles, terão que lazarar. A menos que não batam asas, pois abundam no vasto mundo admiráveis países a fornecer-lhes o delicioso manjar.

As bandas, sobre ramais da estrada, vamos saúdando aldeias de tejo, alinhadas em quincôncio, inalteravelmente iguais e vermelhas. É o mapa rural da Picardia que ressurge, reconstruído a cordel, da cascalheira das ruínas. Têm um ar de architecturas recortadas em papelão. Falta-lhes aquela alma natal, comunicativa, amassada em cada pedra, em cada barrote, em cada quina por milhares de homens que em centenas de anos ali lidaram, amando e sofrendo.

O horizonte visual encontra-se com a bruma; está uma destas tardes mórbidas, peçonhentas, em que, nas trincheiras, os soldados dos países do sol não teriam pena de morrer.

BAPAUME.— Tudo o que se loriga nesta cidadezinha é novo, em folha, ou mais esburacado que um cêsto depois da vindima. O camartelo reedificou o que pôde, a guerra escavacou quanto havia. Andou esta localidade de mão em mão, até que em 1917, reconquistada pelos alemães a tropas da província de Gales e da Nova Zelândia, ouviu, com o recuo dêstes para as linhas de Hindenburgo, o seu *de profundis*. Erigida em praça forte por Carlos V, impossível descortinar em seus muros os leões afrontados de Castela. O seu passado passou de vez.

Pela grande rua fora, lanço e cruzamento das estradas nacionais, perfilam-se direitos, pintalgados, patiscos como grandes bonecos futuristas, os inumeráveis autómatos da gazolina. Já os *estaminets* têm gente; já nos contemplam pelas portas entreabertas das lojas olhos sossegados de raparigas. Seja pessimismo nosso ou realidade, por esta ruína e sardenta Flandres, não encontramos as caras bonitas de Paris e do Meio-dia. A geração que amanhece representará, porventura, uma mescla inextricável de sangues. Mas essa anda na escola e não possui ainda o foral da raça. Mas têm as mulheres todas um ar sadio e rechonchudo e — diz um rifão nosso — gordura é formosura. Fiquem, pois, com alvará de beleza as meninas da Flandres.

Sente-se que a cidade foi erguida à lufalufá; a deleitável assimetria e absurdos arquitectónicos, que o acaso ou capricho dos homens vão dando à habitação, não se procurem aqui. Tudo é liso, apumado, segundo o risco mais fácil e imediato. A guerra matou os penates, que é, como quem diz, o lar familiar e o galo do campanário nunca igual aos galos dos outros campanários.

(Continua)

AQUILINO RIBEIRO.

A TERRA PORTUGUESA NOS SEUS ASPECTOS CULTURAIS

XIII — CULTURA CEREALÍFERA (Continuação do n.º 67) — O ARROZ

Dizem as estatísticas que o mercado português tem sofrido nos últimos anos um forte e rápido alargamento para o consumo do arroz. Há vinte anos não atingia este consumo 40.000 toneladas; ficou a partir de 1921 em roda de 55.000 toneladas; actualmente cifra-se em 60.000 toneladas. Possivelmente, ainda, estes números são baixos, escapando à estatística pequenos consumos locais do meio rural.

Trata-se, pois, de um género de valor consi-

de uma acção económica orientada para o integral aproveitamento das nossas possibilidades, pode dizer-se que abrangem um mínimo de 10.000 hectares. E todavia as estatísticas não acusam mais de 4.000 hectares cultivados de arroz em 1927; número que, aliás, deve estar por diferença algum tanto afastado da verdade. A maior área cultivada foi em 1918, de 8.000 hectares, correspondendo a um período em que a cultura rejuvenesce entre nós, ao



Cachos de arroz



Lavoura de outono nos campos fundos do Mondego

derável cuja produção deve preocupar cada vez mais a agricultura nacional. Acresce que a cultura do arroz é, em grande parte, de carácter exclusivista e a única forma de dar entre nós emprego a determinados terrenos de baixa cota, naturalmente sujeitos ao encharcamento.

Destes terrenos, apropriados à orisicultura, em inquérito sumário e como primeira base

favor de preços convidativos e como consequência das dificuldades que a guerra trouxera à importação deste género. Mas decaímos depois, rapidamente, com o sucessivo abandono dos novos arrozais ou com o abaixamento da produção dos antigos à quem de limites remuneradores. Tudo consequência da má localização de alguns campos, sobretudo ao norte do Tejo, das gerais insuficiências do regime das águas

de rega, das imperfeições da técnica cultural — da preparação do solo às últimas operações da colheita —, e da falta de protecção pantal, hoje atenuada.

Como resultado económico, este resmido quadro; ao estrangeiro vamos buscar, na melhor das hipóteses, dois terços do arroz consumido, quarenta mil toneladas contra sessenta mil contos (valores mínimos); e, da reduzida área cultivada, aliás com notável esforço e dedicação por parte de certos núcleos populacionais, não logramos, em média, produção unitária superior à de 2.500 quilos de arroz por hectare; média esta que é fortemente influenciada pelas escassas produções dos arrozais ao norte do Tejo, na grande maioria dos casos menos aptos — até por condições climáticas, — às produções francamente rendosas, as quais devemos fixar em roda dos 4.000 quilos de arroz, por cada hectare cultivado. Nesta base, estendendo-se a cultura sobre a área atrás referida, inverteríamos facilmente as posições actuais, indo buscar fóra apenas o terço do consumo actual. Ver-se-há noutro artigo como proceder para conseguir este modesto desideratum e quais são as modalidades da cultura que, quanto ao norte, ficam, de algum modo, evocadas desde já pelas ilustrações desta página.

AZEVEDO GOMES.

(Clichés do eng. agrónomo sr. B. Benoliel, da Estação Agrária Nacional).



Sementeira de arroz nos campos do Mondego



Gralagem nos arrozais do Mondego



Livros e Escritores

«Vello talvez na conta dos anos, mas ainda conservando na alma a divina scintella da poesia, que é penhor de perpétua juventude e mantém acêso um pequenino sol em cada coração de poeta.» Estas palavras traçámos nós, em dia já distante, a respeito do sr. dr. Manuel da Silva Gaio, figura de escol das nossas letras, ao poticiarmos o reaparecimento do seu formoso poema *Dom João*, muito refundido e recamado de inéditas belezas nessa nova estampa. Pois com redobrado motivo voltamos agora a escrevê-las, após a leitura do seu livro último, *Sulamite*, visto que na pretérita obra o artista se limitara a ampliações e retoques, aliás felicíssimos, do já criado, e na que hoje nos visita tudo por completo, idéa e forma, é produto recente das suas faculdades criadoras, as quais, se se encontrassem extintas ou, pelo menos, diminuídas em seu fulgor, teriam fraquejado na empresa. Num poema original, pequeno mas transbordante de beleza, seguido de outra delicada composição em quadras e de um soneto inspiradíssimo, este voluminho do insigne cantor do Mondego em tôdas as suas páginas, em tôdas as suas estrofes, nos fala de amor, e dele nos fala com tanta frescura emotiva e tanta espontaneidade, que a boa conta dos anos do poeta por inteiro se nos esvaece da memória, para em seu lugar sentirmos a impressão de que foi a mão onçada dum

adolescente, ainda vibrante das carícias da sua noiva, que tomou da pena para as lançar no papel. Milagre da poesia, este, contra cujos dons rejuvenescedores o tempo, com suas muitas artes e manhas, não leva a melhor! O poema que constitui a peça-mestra do novo trabalho literário do sr. dr. Manuel da Silva Gaio evoca o tema bíblico: o drama amoroso da moreninha Sulamite, *nigra sum sed formosa*, a



Dr. João Ameal

um tempo mística e sensual, para uns símbolos das núpcias do espírito e da matéria, no seio da Igreja, e para outros, mais terra a terra e mais sensível, portanto, à nossa condição de humanos, personificação da mulher amada. Assim, desta segunda maneira, o estro privilegiado do sr. dr. Manuel da Silva Gaio preferiu plutar essa figura, e em tão sugestivos traços e tons a deixou enrugada, que a cada instante supomos ser dirigida a nós a sua súplica, mais doce e musical que o arrullo duma pomba, para que nos apressemos a ir estreitá-la contra o peito e a sorver os beijos da sua boca rubra.

Que as musas não se entendem mal com os doutores, já desde longa data nós sabíamos; que elas igualmente não fazem dano aos técnicos, anda hoje a testemunhá-lo Armando Ferreira, que as suas complicadas ocupações de engenheiro não impedem de, com relativa frequência, produzir trabalhos literários onde o mérito não escasseia. Agora recebemos mais uma dessas suas produções, e desta feita bem diversa de tôdas quantas atrás ele fizera sair da sua pena. Nem de crítica teatral, nem de crônicas de viagens, nem tampouco de novelas, gêneros esses todos que lhe são familiares, se compõe o miolo da última obra de Armando Ferreira. Agora foi a literatura infantil que o tentou, e tentou-o por esta razão, que se nos evidencia

como soberana: Armando Ferreira tem filhas, e assim nada mais natural, visto que possui também imaginação opulenta, e arte e gosto narrativo, querer ele recreá-las com um alegre conto da sua própria lavra. E, de facto, a obra foi gerada e nasceu, após o que o autor, achiando feio pecado a avareza, entendeu que a mexida história que ele fizera de propósito para os seus meninos bem podia também alegrar os meninos dos outros. Assim reflectido o caso, assim ele foi efectivado: o livrinho atraente, cativante e onde a cada passo, de mistura com as notas que simplesmente divertem, a garotada tem ensejo de ir recebendo ensinamento. Crítica rigorosa a este livro? Que a façam, pois, os pequenitos que o lerem, pois são eles os únicos juizes competentes na matéria.

João Ameal reuniu agora em volume um belo feixe de artigos doutrinaários, subordinando-os ao título de *A Contra-Revolução*. Do prefácio da obra extraímos as seguintes palavras, que bem definem o objectivo do autor: «colher sintomas, passos marcantes, manifestações reveladoras, da Contra-Revolução em marcha.» Sendo por inteiro descabidos aqui quaisquer comentários, quer de aplauso quer de impugnação, aos pontos de vista expendidos pelo autor; dada a índole absolutamente neutra, quanto a política, desta revista, entendemos que a nossa função perante a obra em referência deve restringir-se a citar os rólulos de alguns dos seus seus principais capítulos: A nova história de Portugal; Ordem e desordem, verdades restauradas; Antes do 28 de Maio; O 28 de Maio; Um grande lusitanista: dr. Oliveira Lima; O século de ferro; Oriente e Ocidente; «A Revolução Francesa», a propósito da curiosa obra assim denominada e há pouco trazida a lume por Pierre Gaxotte; e, finalmente, a crônica *A Guerra de Espanha*, onde o autor aponta a geração de hoje a dois passos da morte «órfega». O livro de João Ameal, um dos nossos escritores modernos mais talentosos e também mais cultos, conciliando bem no seu espírito o amor à tradição e o amor ao progresso, lê-se com subido interesse, mesmo que essa leitura seja feita por um leitor cujas convicções se oponham às que essas páginas defendem. Para isso bastam a força persuasiva de que a inteligência do autor dispõe e também a elocução brilhante que aparece sempre a vestir as idéas explanadas.

Os coleccionadores da *História da Literatura Portuguesa Ilustrada*, os quais já atingem uma dezena de milhares, encontram-se já na posse dum novo fascículo, o quarto, dessa obra monumental. O seu texto abrange a conclusão do estudo do sr. José Joaquim Nunes sobre a prosa medieval, desde o seu aparecimento até aos cronistas, e a parte primeira doutro, por



Dr. Manuel da Silva Gaio

igual muito interessante e firmado pelo nome autorizado do sr. dr. Agostinho de Campos, relativo ao *Alvorecer da prosa Ilustrada sob o signo de Aviz*. Nele vemos que os agiólogos abriram, nesse campo, caminho aos cronistas, e que Portugal teve, com o poder dos incultos reinantes de Aviz, não só a sua Aljubarrota política como também a sua «Aljubarrota linguística», na frase bem sugestiva do sr. dr. Agostinho de Campos. Quanto a gravuras, as dêste fascículo valem bem, em raridade e em nitidez, as dos anteriores. Dão-nos elas, citando-as apenas de fugida, agora aspectos de *Cantigas do Cancioneiro Colocci-Brancuti*, logo do precioso manuscrito iluminado que é a *Crônica geral de Espanha*, depois da maravilhosa *Vila Christi*, à certa o mais importante incunábulo português que possuem as nossas bibliotecas, e, por último, do *Livro de Montaria* e do *Leal Conselheiro*, obras que mãos de reis traçaram. Em *hors-texte*, vem a reprodução dum autógrafa de Fernão Lopes, constituído pelo «Instrumento de aprovação do testamento do Infante D. Fernando», lavrado pelo nosso primeiro historiador, que exercia o cargo de tabelião-mor do reino, a 18 de Agosto de 1437.

Mercedes Blasco ofertou-nos um novo livro seu, a que applicou um título bem despertador da nossa curiosidade: *Querem saber?* É como se Mercedes Blasco travasse o passo a qualquer dos seus muitos leitores, ao descer ou ao subir o Chiado, e se lhe pusesse familiarmente a contar uma das muitas e curiosas histórias que ela sabe, com verídicos episódios da vida, pequeninas notas de sagaz observação, referências amistosas a gente de algo e mais coisas similares ou parecidas. Assim, sem tirar nem pôr, nos aparece este seu livrinho: amável, conversador, bem-querencoso, donde não vem ponta de mal ao mundo. Quem fizer a sua leitura, ao voltar a última página, achar-se há bem disposto não só com a autora como consigo próprio, devido ao aroma de afabilidade que de todo o livro se desprende e nos penetra. Querem saber? Mercedes Blasco que lhes conte o caso!..



Eng. Armando Ferreira

O ouro, ouro a jorros, do Prémio Nobel de literatura não chegou, desta vez, a romper as brumas escandinavas. A Academia de Estocolmo, que tem a seu cargo a atribuição do mais alto dos galardões que, em todo o universo, se distribuem, fez recair a sua última escolha numa descendente dos intrépidos Vikings, os antigos pescadores de baleias nos mares setentrionais, onde não raro a morte, cavalgando o dorso glácio dos icebergs, lhes saía traiçoeiramente ao encontro. A premiada foi Sigrid Undset, poetisa e romancista norueguesa que as suas muitas obras publicadas impõem como uma forte individualidade literária, e que já desde há três anos era indigitada como o nome favorito do exigente júri sueco. Surpreza grande e geral houve mesmo quando, no ano transacto, em vez de esse magnífico prémio lhe ser concedido, elle foi entregue a Grazzia Deledda, novelista italiana que, embora mui cotada em seu país e mesmo extra-fronteiras, a todos quantos conhecem bem os seus livros aparece com um mérito inferior ao que se entendia legítimo exigir aos recipiendários de tão insigne merec. Mas, enfim, Sigrid Undset viu este ano a justiça pensar-lhe carinhosamente a mão sobre a cabeça: o seu nome, coberto de glória, rola hoje através do mundo inteiro, por toda a parte suscitando um súbito interesse por seus romances andazes e, até ao presente, pouco menos que desconhecidos fora das regiões nórdicas.

Sem sobressaltos de ordem material, pode agora a criadora dessa admirável enciclopédia do amor e do casamento, que os intitula «Kristin Lavransdatter» e que constitui, no entender da crítica, o seu mais valioso trabalho, ver imobilizar-se-lhe entre os dedos a pena fecundíssima: é sua, e ganha, para maior orgulho, a força de labor e de talento, uma bela parcela desse inteligente ouro com que o célebre inventor da dinamite quis, por intermédio do mais nobre testamento que se conhece, redimir perante a humanidade a sua culpa nos danos, tantas vezes trágicos, que a essa mesma humanidade advieram do seu poderoso invento.

Sigrid Undset, de cuja biografia o acontecimento torna oportuno um esboço, aparece-nos, pelos temas persistentes na sua obra, num plano oposto ao de Selma Lagerloef, outra grande escritora da Escandinávia que, em 1909, obteve também o prémio Nobel. Ao passo que esta última herdou o génio literário autóctone, animador de feitiçarias lendas, génio que mantém sobre a vida o claro magnético dos velhos contos de fadas, — Sigrid Undset, desde a sua estreia, em 1907, com *Marthe Oulle*, tomou decidida pelo caminho do realismo, assim repellido do seu uso os moldes romanescos, salvo Strindberg e poucos mais, até ali considerados obrigatórios a dentro das letras escandinavas. Nesse romance a influência de Zola é manifesta. Mas já na obra seguinte, *A Idade Feliz*, o modelo tomado foi o próprio Strindberg, com a sua cruel minúcia de pormenores, à força dos quais é sugerido o ambiente em que se movem as personagens. Estas, sempre amolgadas pelas contingências da existência, curvam-se perante a tirania do destino e sofrem caladas, se bem que uma voz íntima lhes grite que o seu dever é a revolta. E, nos trabalhos posteriores a estes dois, a mesma concepção pessimista da vida se faz sentir. Há séres que se amam mas que jamais conseguirão compreendê-se perfeitamente. Os pequenos defeitos que os dois amouros mutuamente se descobrem não tardam, avolumados ante seus olhos, a separá-los, a cavar entre eles o abismo. «L'ennemi mortel de l'âme, c'est l'insure des jours», disse-o Romain Rolland, no «Jean Christophe». Também nos conflitos psicológicos desenrolados por Sigrid Undset o hábito representa um papel primordial e demoníaco. *Jenny*, que apareceu em 1911, ainda põe a situação da mulher na sociedade com mais crueza, sendo a protagonista levada ao suicídio. *O pedaço de espelho encantado*, outro romance de Sigrid Undset, igualmente nos patenteia scenas angustiosas, o mesmo acontecendo na *Pobre gente* e nas *Virgens Sábias*. Em 1920, enfim, surgiu a já referida *Kristin*

QUANDO CABERÁ A PORTUGAL O PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA?

Lavransdatter, a mais vasta e importante obra da romancista, quer pela violência da sua pintura realista, quer pela multidão das suas figuras. Assassínatos, raptos, conspirações e guerras. Essa atmosfera, dos tempos medievos, cheira a sangue. Depois, saltando sobre dias pequenas obras, de menor significado, vem o *Olav Audunson de Hestevik*, nos fins de 1925. Nesse abundante romance, que nos pinta o carácter dum homem, não consegue a autora dar uma impressão tão forte do seu talento como nos dera na *Kristin Lavransdatter*. Compreende-se: a mulher, o estudo da alma feminina, tão cheia de simosidades, onde o mistério corre tal como o nevoeiro sobre a paisagem, ora ocultando logo desvendando, nisso, nesse estudo, é ela exímia, porque tem o modelo dentro de si



Sigrid Undset

própria. A descrever as aspirações iludidas da mulher, a mostrá-la vítima dos pequenos infernos domésticos, tem Sigrid Undset empregado até hoje a parte mais vibrante e mais espontânea do seu talento. E por isso todas as jóvens escandinavas a têm com sofreguidão: ela é a advogada eloquente dos seus interesses. Por vontade de Sigrid Undset, a mulher, que durante tantos séculos sofreu o jugo do homem, não seria amanhã apenas aquilo que já nos tempos de hoje conseguiu ser, isto é, a companheira que, com iguais direitos, se senta em sua frente à mesa da vida: ela seria então a dominadora!

Bis, em rápidos traços, o perfil da escritora que o Prémio Nobel acaba de consagrar.

Já da elevada recompensa que, em Novembro de 1895, Alfredo Nobel instituiu beneficiariam, no cântico da literatura, individualidades dos mais diversos países, entre os quais, ocioso é accentuá-lo, Portugal não figura. Sem exclusão de raças, sexos e nacionalidades, como prescreveu o seu generoso fundador, para que a sementeira de ouro lançada pelo seu braço forte atingisse a terra vasta, de polo a polo, teem-no obtido não só nomes da Escandinávia, como também da Alemanha, da Bélgica, da França, da Inglaterra, da Índia, da Itália e até da nossa vizinha Espanha. E só da literatura portuguesa nunca, até esta data, houve sequer um nome que, mesmo com um ar de tímida candidatura, transpusesse as portadas da Academia de Estocolmo!

Assim acontece decerto, dir-se-á, porque as nossas letras hodiernas estão ermas de valores, ou, pelo menos, desprovidas daqueles que satisfacem à categorica exigência, incluída no estatuto do Prémio Nobel, de haver um sentido idealista nas obras dos autores eleitos. Que assim não é, que a ausência de preocupações melhoradoras do género humano não é regra sem excepção no elenco dos nossos escritores vivos, a lembrança dalgumas das suas figuras

bastaria para o assegurar. Entre uma maioria de talentos a quem o labor estilístico absorve e que só episódicamente encaram o problema da perfectibilidade da vida social, há dois, há três, há talvez mais ainda, que praticamente teem demonstrado ver na literatura não apenas o seu aspecto estético, mas sim também, e até em grau superior ao daquele, o aspecto educativo, a finalidade reformadora dos espíritos. Nestas condições, um nome, já de pronto, nos acode ao bico da pena, um nome também feminino, como se a preferência evidenciada nos últimos anos pela Academia Sueca, a favor do sexo frágil, também nos tivesse agora inspirado: D. Virgínia de Castro e Almeida.

A obra forte e, simultaneamente, delicada desta escritora, obra que, contra o que as mais das vezes é a literatura saída das penas femininas («du coeur imprimé», na frase de Barrés), é mais produto duma intelligência clara do que duma sensibilidade morna, toda ella nos aparece tecida de nobres ensinamentos, de viris aspirações, de belos sonhos de aperfeiçoamento humano. Nas figuras criadas pelo seu superior engenho, sobretudo nas que compõem a acção da sua admirável trilogia *Terra Bendita*, *Trabalho Bendito* e *Capital Bendito*, vibram os mais elevados ideais. O seu raciocínio é limpido, a sua emoção tem uma frescura comunicativa, a simpatia que deles dimana dá-lhes a todos, quer sejam o Alvaro e a Maria José e o Manuel do primeiro romance, onde perpassa a paisagem ribatejana, ou o Luís, a Francisca e a Joana do segundo, cujo cenário é o Alentejo, ou ainda o Mateus e a sua adorável mãe, o Cristiano e o Anibal do terceiro e último, que nos pinta a terra madeirense, — a majestosa estatura de apóstolos. Tomassem conta do mundo, o mundo vasto que por toda a parte é cheio de iniquidade e de angústia, só espíritos similares aos desses três romances optimistas, mas dum optimismo que não ofende a verosimilhança, e a vida seria então uma coisa bela: todas as bocas teriam pão e a todas as almas seria dado por alimento a justiça.

O caso literário da sr.^a D. Virgínia de Castro e Almeida, em cujos livros não há mingua, antes pelo contrário, de sentido idealista, caso que evocamos apenas como exemplo, convençemos, pois, de que Portugal só por deseno das suas Academias científicas, da sua grande imprensa e não menos da sua diplomacia, tem deixado de comparecer a disputar esse excelso galardão legado por Nobel e que, a ser alcançado por um português, não seria só uma elevadíssima honra individual, como constituiria também para a própria nação um motivo de grande prestígio.

Se Grazzia Deledda obteve o ano passado esse esplendoroso prémio, foi porque Mussolini, auxiliado pela diplomacia italiana, fez lembrar aos académicos de Estocolmo que já havia muitos anos, desde que Carducci o recebera, que elle não cabia à Itália.

Portugal não fala, não comparece, não põe à luz plena os seus actuais valores, e por isso a alta cultura estrangeira, ao passar junto d'elle, em vez de o encarar como uma entidade viva, olha-o antes como um sarcófago apenas, dentro do qual se desfaz em pó a ossada de Camões.



Virgínia de Castro e Almeida

CÉSAR DE FRIAS.

A CASA PORTUGUESA

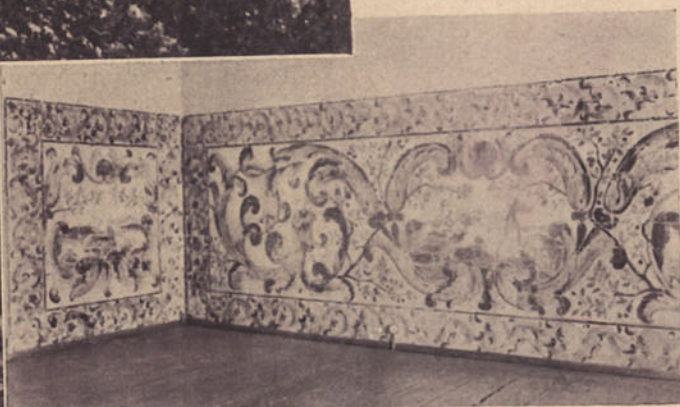
PALÁCIO DOS SRS. DUQUES DE LOULÉ

BELEM

Tem longa história, este palácio que sofreu já várias transformações desde a sua fundação. Foi dos condes de S. Lourenço e já no século XVII tinha a forma de planta cujas disposições ainda hoje se reconhecem: vasto pátio de entrada e, sobre o mar, quadra ajardinada e arrematada nos ângulos por torres de cobertura pontiaguda. Desta época encontram-se ainda também no interior algumas características, como na capela e no esplêndido azulejo polícromico da antiga sala de jantar. No século XVIII passou o palácio, por doação régia, à posse do Marquês de Marialva donde, por herança, veio a pertencer aos Duques de Loulé. Tendo-lhe o Marquês de Marialva acrescentado o grande salão de festas, foi o todo há cerca de meio século submetido a profunda transformação que, se não atingiu as principais disposições da planta, affectou no entanto todo o aparato da construção.



Interessante fonte de terra-cotta do tempo dos Marialvas.



Azulejo polícromico seiscentista da primitiva sala de jantar

(Fotografias obtidas com aparelho «Kodak» autográfico)



BELEZAS

ESPAÑHOLAS

A INSIGNE PINTORA MARUJA MALLO

(Foto Walken)

A L G U N S

RECANTOS

DE COIMBRA



Casa do Navio

Quem fôr a Coimbra (como se diz nos *guias*) não deixe de passar pela Torre de Anto, que não tem nada que ver mas é uma casa exemplar do culto aos mortos célebres. Anto, como se sabe, é o nome pastoril do mais egocêntrico, exquisito e emotivo poeta de Portugal, êsse António Nobre «Narciso enluarado», no dizer de Sérgio, que levou realmente a vida a narcizar-se mas que foi poeta a valer e trouxe ao rimário português algumas das suas mais delicadas excentricidades.

A Torre não é torre, embora se eleve no lugar onde foi a do Prior do Ameal, mas possui hoje, mercê da lenda e do arranjo, todos os atributos da espécie, até a sobranceira e o relativo isolamento com que guinda os muros ao céu. Dali, na aba do Colégio Novo cu da Sapiência e metros acima da Casa de Sub-Ripas, enfeitada pela lenda da morte de D. Maria Teles, viu de-certo o poeta «esta payzagem triste, triste, A cuja influencia a minha alma não reziste», — «payzagem lunar que é a mais doce da Terra». E é! Vista dali, vista de qualquer ponto do Bairro Alto, a paisagem de Coimbra tem doçura para gerar vinte *Sós*, doçura composta pelos choupos, pelos laranjais luzentes de laranjas na quadra, por tôda a taça que as ribas do Mondego circunscrevem e termina por bordos delia-díssimos de telhados e cumes cândidos.

António Nobre ali viven, e a casa parece de encomenda para um bardo do seu temperamento, — camarote de frente sôbre a payzagem lunar». Em Paris lembrar-se-ia delas e do «quarto de dormir, todo caído, D'onde ouvia arrulhar as pombas no telhado» — «Aqui, no meio d'esta fria soledade, Eveco a Coimbra triste, em seu aspecto moiro»...

E, na verdade, por ali lembra a cidade, a moirisma, dado que o que acordava no espírito de Nobre reminiscências moiras eram os

restos da Coimbra medieval, mais adivinhados do que vistos, e o saboroso nome de Almedina, para cujo arco se desce rua de Sub-Ripas abaixo. António Nobre, para alcançar os jardins medievos a que afeioára o espírito, não tinha mais que cerrar a discreta porta que se embebe no muro da Torre, e dirigir-se, pelo Quebra-Costas, até à raiz amurallhada dêsse caminho de calvário.

Não sei ao certo que modificações sofreu a casa de António Nobre desde os tempos da *Carta a Manuel* — «Bons tempos, Manoel, êsses que já lá vão!» — até aos dias presentes, que são os da lápide mandada colocar na Torre pelo ilustre escritor Alberto de Oliveira e que pouco distam daqueles em que um grupo de admiradores do poeta solitário preston igual homenagem, sômente em estilo horrendo. Sei que o sítio é aprazível e a Torre de Anto um paradigma do que devia fazer-se a alguns dos grandes homens. É certo, António Nobre deixou uma obra reduzida e não teve tempo de libertar sua alta inspiração do que era influxo da moda, des anos irritantes, da doença devastadora («Hys-

terisa-me o vento, absorve-me a alma tôda, Tal a menina pelas vespéras da boda»...). A sua casa, pois, erecta em Torre de Anto, é mais um tributo da admiração que se compraz com os delíquios duma alma rara do que o vivo monumento a um grande escritor sólidamente afirmado. Mas é terna, simpática, e sobretudo muito coimbrã.

Outro lugar assinalável ao forasteiro de Coimbra é a Quinta de Santa Cruz, de que a gravura junta representa a cascata, ao fundo do *Jôgo da Pela*, orgulhosa dos seus medalhões azulejados entre estátuas alegóricas e da sua edícula central, de onde a Imaculada Conceição, padroeira da Universidade e do Reino, assistia complacente às pragas com que os cônegos regrantes lançavam a pela dos ombros. O *jôgo da bola* agora é ao lado, e à inglesa: o *foot-ball* lôgron roubar uma nesga ao parque silencioso; de modo que o terreiro não passa de um vestíbulo monumental da mata umbrosa e fresquíssima, com seus escadórios de airosa lançatura, os seus três taboleiros vedados por

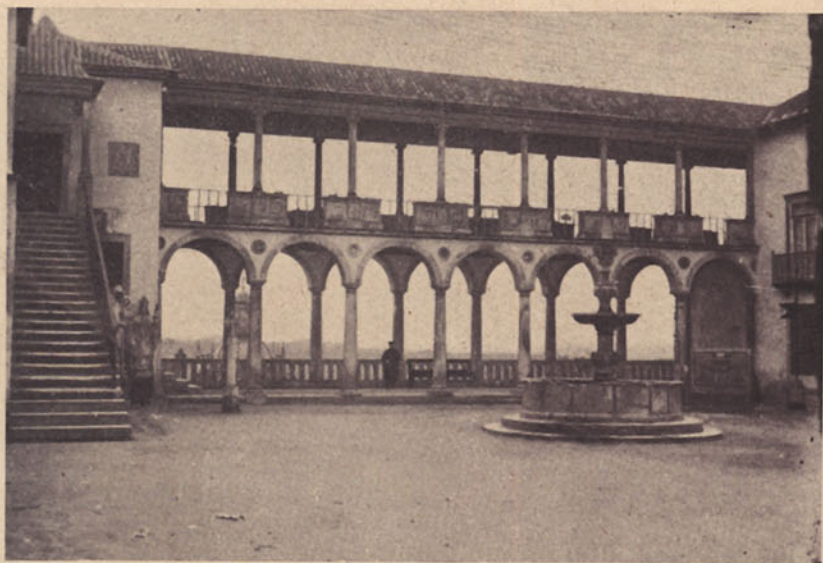


A melancólica Torre de Anto

muros e pilastras, os seus roda-pés laterais de azulejos vandalizados. Isto é magnífico, na plena aceção D. João V; mas, palavra de honra, é fresco, repousa e ateja — e tem prolongamentos delicados que furam sob as árvores, aos lanços, com uma rotunda ou outra de piso muito areado, e fontes, principalmente aquela em que um sátiro abre uma bôca de monstro donde vem água e frio. Nestes arruamentos simétricos e sibaríticos sente-se o dedo reformador, de Fr. Gaspar da Encarnação, da Casa de Gouveia, ministro do rei Magnífico.

As árvores, que Link admirou pela raridade e eu muito prezo pela sombra, escaparam em 1885 a um radical desbaste, pois nessa data foi destinada a quinta à edificação dum bairro novo. A Câmara de Coimbra, vá lá, não tem sido das piores em nivelar e demolir. De resto, é uma ingénua crença a de que um burgo se pode pôr a par das Filadélfia conservando intactos os seus atestados de origem armoriada e remota. Mas é incogível que faz gôsto ver essas projecções dos velhos séculos no cubismo das nessas construções, compassando-as de velharia como os passos duma procissão.

Hoje, mais do que nunca, Coimbra revolve o seu solo à busca de alicerces para o seu corpo de mulher capaz de dançar o *Charleston* sob as abóbadas da Sé Velha. E, como não lhe é fácil fazer cimento armado no labirinto da Sofia ou abrir avenidas faustosas das Escadinhas de S. Cristóvão até aos Palácios Confusos, castiga os seus quasi-arredores, as doces abas da antiga *urbs* tão melancolicamente espriados. — Celas, os Penedos, o Calhabé, Santo António, todos os lugares santos dos velhos itinerários. As azinhagas e



Arcação sobre a pulsagem do rio, no Museu Machado de Castro.

caminhos outrora bordados de casebres vão dando lugar às artérias sobre que se talha a via dupla, e lá vão florescendo, em vez das casas de quinta, a *casa portuguesa*, o *túmulo do faraó*, a capela manuelina com cozinha e copa anexas. E, à voz dos empreiteiros, cada oliveira se transforma num poste para fios.

A quinta de Santa Cruz tem escapado. Lá está inclinada e frondosa, cortada da *rua dos loureiros*, tão amiga de quem não tem passe nos eléctricos, cheia de fontainhas de refrigerante sussurro. Deus a preserve de calceteiros e de floricultores!

Abre-se agora aos nossos olhos, quasi ao cabo desta peregrinação tagarela por alguns recantos de Coimbra, a galeria ocidental do pátio do antigo paço dos Bispos, Condes de Arganil e Senhores de Côja, onde a República e mestre Gonçalves instalaram o Museu de Machado de Castro. Pousemos aqui, que o sítio é de repouso, alegrado de mais a mais pelas sardinheiras dos caixotes e pelos pães de azulejo que barram trechos dos muros.

Desde a porta alpendrada que dá acesso ao andar superior do Museu até à ala que corresponde à igreja desafectada de S. João de Almedina, corre este snave miradoiro, erguido a cavaleiro duma das ruas mais apertadas do burgo. A rua das Covas, a rua do Cabido vêm das cras doiradas. Sente-se que por ali deviam caracolar os cavalos dos bispos em disputa. Acocoram-se diante do Paço para que ele não tenha competência. São sombrias e humildes; ligam-se umas às outras por muros onde só heras se atrevem a espreitar.

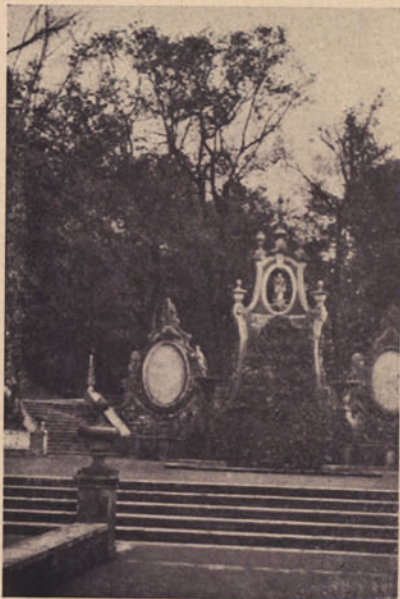
É curioso notar que o encanto de Coimbra está neste roteiro de ruínas empinadas e po-bretonas, onde raro emerge um palácio, precisamente para que tenham relêvo as cons-

truções monumentais. Isto, de resto, é condão das cidades portuguesas que timbram de armas anteriores ao século XVI. Não são aglomerados daquelas catedrais e conventos que, em certos burgos de Espanha, compõem uma só massa monumental, sem costura. Essas parecem dispor-se segundo um só sistema, como se fôsem talhadas num dia: são uma casa só, um ópido; fazem bloco. Pelo contrário, as nossas surgem entre meia dúzia de restos sumptuosos; — o mais é rebôco; dá a impressão de uma manta de retalhos cobrindo um manequim.

Nestas mesmas ruas ou nalgum cruzamento delas é que se nos depara alguma curiosidade arquitectónica, como a *casa do navio*, que está ao pé do antigo Teatro de D. Luís e que, restaurada, conserva elementos decorativos da Renascença: gárgulas, uma ou outra janela recortada na viga superior, a planta acomodada ao capricho com que as ruas inflectem até que dê uma na outra. É instrutivo percorrê-los, a esses canais de casa da vertente da acrópole coimbrã, que escorridos dos flancos da antiga Aleáçova, se vêm apertando e vão confluindo uns nos outros como ribeirinhos tributários da rua de Quebra-Costas, um rio de degraus. E digo *instrutivo* porque essas betesgas ensinam como a vida nova apaga a velha, a relega e afugenta: — podia lá ser o Astória ao pé do Bêco da Anarda!

Irriguemos as cidades de luz, façamo-las de mármore, plantemos-lhes de dez em dez metros um sinaleiro com *casse-tête* sobre silhar de D. Tancredo; mas não nos esqueçamos dos seus velhos bairros, que, se cheiram a azeite ordinário, ocultam suaves imagens do que já foi e não torna.

VITORINO NEMÉSIO.



A casquinha do Parque de Santa Cruz.

TEATRO MODERNO

O AGRUPAMENTO
ARTÍSTICO "CARACOL"

Ernesto Burgos
(Desenho de Durlan).

Gorbea, autor de *Los que no perdonan*, o maior êxito teatral da presente temporada em Espanha, peça já comprometida para ser levada nos principais países da Europa, Portugal entre êles; a interessante escritora Magda Donato, nossa colega de *Eslampa*, a conhecida revista madrilena, concorrerá com

as suas incontestadas faculdades scénicas; Natividad Zaro, formosíssima declamadora, a quem já tivemos ocasião de prestar homenagem nas nossas páginas, põe à prova o seu belo talento em papéis de primeira actriz; Ernesto Burgos, um moço dramaturgo, já estreado com o êxito mais prometedor, faz,



Magda Donato

Com êste título simbólico e sob a hábil direcção do ilustre escritor espanhol C. Rivas Cherif, que tantas simpatias conquistou em Lisboa quando foi nosso hóspede como director artístico da Companhia de Mimi Aguglia, acaba de se constituir em Madrid um agrupamento teatral que se propõe pôr em scena tôdas aquelas obras que, pelas suas normas inovadoras ou puro significado artístico, sejam incompatíveis com o critério de empresários ou actores profissionais, mais atento à satisfação imediata dos seus interesses particulares do que ao interesse do público a quem fingem servir, porque ao interesse do público pertence um teatro mais depurador do seu gosto estético e de mais elevada intenção social do que êste que para aí se vê e suporta através dos palcos da Península. O distinto homem de letras conseguiu reunir à sua volta um seleccionado conjunto de escritores e artistas, que serão os intérpretes das suas próprias obras. Não se trata duma infantil experiência de incipientes nem dum consolador refúgio de fracassados. Os nomes que constituem o magnífico elenco artístico garantem, por si só, a alta finalidade da empresa e a eficiência dos seus resultados. Azorin, um dos primeiros valores na literatura espanhola contemporânea, cuja estreia como actor dramático, fazendo uma personagem da sua própria obra, foi o successo literário das semanas passadas em Madrid, é um dos actores da nova companhia; outro é Eusébio

numa das obras de «Azorin», um papel de velho que é uma autêntica criação; Carmen de Juan, Regina, Josefina Hernandez, Juan Calibán, Felipe Lluch e António Ramon Algorta são os restantes elementos, contribuindo cada um deles com o seu talento, entusiasmo e boa vontade.

A scenografia, parte essencial no teatro moderno, está confiada a Salvador Bartolozzi, excelente pintor altamente apreciado nos nossos meios artísticos, e ao nosso querido amigo e colaborador Almada Negreiros, que dia a dia está consolidando mais o seu prestígio no vizinho reino, honrando-se a si, como artista, e a nós, como português.

As simpáticas hostes de Rivas Cherif apresentaram-se, com grande sucesso, ao público madrileño, no dia 24 de Novembro, com este interessante programa :

a) *O Teatro moderno*, conferência por «Azorin», seguida da representação, pela primeira vez em Madrid, do seu «Prólogo» a *O Invisível*; *A arasinha no espelho* e o *Doutor Death*, das 3 às 5, do mesmo autor.

b) Estreia em castelhano da comédia num acto de Antão Chejov, *Um duelo*, para comemorar o xxx aniversário da fundação do teatro artístico de Moscou.

Realizou-se já no mês de Dezembro *Despedida a Ruben Dario*, festival de dança, música e poesia, em que tomaram parte, além dos elementos do «Caracol», a interessante bailarina Pilar ; uma conferência coreográfica pela famosa Pastora Império ; uma conferência de Manuel Azaña, requintado estilista e grande escritor, sobre D. Juan Valera, o insigne romancista do século passado, seguida da representação de *Asclepigénia*; um concerto de guitarra espanhola por Regino Sainz de la Maza, um virtuoso do clássico instrumento ; a estreia do *Orfeu*, de Cocteau ; uma dissertação de Isabel de Palencia sobre o *Trajo regional espanhol*, com ilustrações de música popular, e, por último, uma conferência de Rivas Cherif seguida da representação do seu drama satírico *Um sonho da Razão*.

O «Caracol» tem no seu repertório obras



Eusébio Gorbéa

(Foto Kaulak).



Natividad Zato

(Desenho de Eduardo Malta).

de Valle-Inclán, Pio e Ricardo Baroja, Benavente, Ramón Gómez de la Serna, García Lorca, Eusébio Gorbéa, Andreiev, B. Shaw, Anet, Molière, Goldoni, etc. ; e conta com promessas de Unamuno, Perez de Ayala, Gabriel Miró, Díez-Canelo, Azaña, Masip, etc. ; e algumas traduções de Sagarra, Soldevila, dos portugueses Ferro e Selvagem, de Strindberg, O'Neill, Lord Dunsany, Kaiser, Hasenclever, Evreinof, Pellerin, Di Giacomo e Vergam.

O novo agrupamento, prestando justiça ao alto interesse que a *Ilustração* tem dedicado às letras e às artes espanholas, quis ter conosco a especial deferência de nos fazer seus representantes em Portugal Assim, enquanto os nossos artistas não se resolvam a seguir os passos dos seus colegas espanhóis, organizando em Lisboa um grupo semelhante ao que já existe em Madrid, aconselhamos os autores portugueses a que, por nosso intermédio, dirijam ao «Caracol» as suas peças, que serão julgadas em pé de igualdade com as obras de autoria nacional. Devemos, no entanto, observar que esta Companhia foi formada para acolher incompatibilidades de artistas com todos aqueles que têm da arte uma noção meramente comercial e não para receber obras, cuja falta de méritos, possa estar mesmo ao alcance do limitado senso crítico de actores ou empresários profissionais.

A ICONOGRAFIA DE DON QUIXOTE DE LA MANCHA (DA EUROPA AO EXTREMO ORIENTE)



Placa colocada na casa onde foi editado pela primeira vez o D. Quixote

Ninguém é profeta na sua terra e a obra dum génio é sempre um fruto precoce que raros provam e a multidão não compreende. Miguel de Cervantes Saavedra não escapou à sentença bíblica e foi tão mal apreciado dos contemporâneos quanto exaltado pelos vindouros. Lope de Vega, numa carta ao duque de Sessa, escreveu, falando de poetas: «ninguno tan malo como Cervantes, ni tan necio que alabe al «Don Quijote»...» (!)

O século XVII viu apenas na «vida do engenheiro fidalgo» uma sátira cruel aos livros de cavalaria e foi preciso que os anos corresse, que gerações sucessivas viessem comentando a obra para que dessas páginas leves e profundas se erguesse, não o vulto «fraco, alto e amarelo» do cavaleiro manchego, mas a própria Alma Latina, ardente, impetuosa, sonhadora e por vezes ridícula nos seus arroubos platónicos de amor e valentia. Dom Quixote é um neto de São Luis e de Pelágio, um sobrinho de Joana d'Arc, um parente afim do Condestabre e até em nossos dias, em certos paladinos desvairados, lhe poderemos encontrar descendência bastarda.

Sancho, êsse é o irmão mais velho de todos os saloios do Lacio, o pai verdadeiro e velhaco do nosso «Zé Povinho».

A obra de Cervantes, como um vinho de casta, precisou do tempo para criar fama e o tempo em glórias lhe foi pródigo. As penas

mais ilustres a têm vingado da inveja estúpida dos coevos e os lápis de maior renome têm vindo pelos séculos fora ressuscitando os vultos lendários da mais risonha das epopeias.

De artista para artista a figura vem saindo mais perfeita e a psicologia do herói vem



A vigília de armas
(Gravura de Gustavo Doré)

ganhando de século para século em altura e clareza.

O Quixote das estampas da Biblioteca de Madrid é ainda e quasi sempre um louco, com a máscara deprimida e o aprumo que o autor lhe concedeu, diluido e falsificado pelo ridículo das posições e dos gestos. Nas estampas da «investidura» e do «regresso» não há um só traço fisionómico que possa rimar com a alma impetuosa que animava a carcassa do irmão de armas de D. Galaaz.

O herói de Cervantes não foi um louco, no sentido patológico e deprimente da palavra. Nenhum psiquiatra lhe receitaria, por inútil, a «douches» escocesa ou o internato. A sua fama de «desfacer agravios y enderezar tuer-

tos» não tinha o afan inconsiderado do doido mas antes revelava na alma do herói aquela sêde exagerada de perfeição moral que exige do mundo imperfeito um estado perene de justiça e de equilibrio.

Na aventura dos «galeotos» não houve sequer a suspeita de libertar criminosos, houve, sim, o interesse generoso de partir cadeias.

A Dulcinea, vulto criado apenas na fantasia apaixonada do cavaleiro, não é uma visão de doido ou, se o é, qual de nós ousará rir-se da loucura? Não é para nós uma Dulcinea a primeira mulher que se avizinha e a quem emprestamos de boa vontade, se ela é formosa e jovem, um rosário de perfeições que ela não tem? Esse vulto criado por nós, inventado por nós, não será tão irreal e ao mesmo tempo tão digno de ser amado como a labrega ideal do Toboso?



D. Quixote e Sancho interpretados por um artista japonês

(Desenho acompanhando a tradução de Sasakura-Kuni-Yaku (Tóquio 1914)



Vinheta de Gustavo Doré encimando o segundo capítulo do D. Quixote, de Cervantes

A alma latina que responde.
 D. Quixote sonhou como tantos outros, de Cervantes para cá, ser o escolhido do Destino para redimir a humanidade transviada e se a não redimiu, se a não curou de toda a ruína que a afflige, a culpa do insucesso está nos corações dos homens, rebeldes ao germe do bem como as tripas de Sancho ao bálsamo de Ferrabraz.

Por isso erraram os primeiros ilustradores



O regresso ao lar
 (Estampa da Bibliotheca Real de Madrid)

da obra. Realizaram o palhaço esquecendo o iluminado. Fizeram rir quando eram convidados a fazer pensar.

Nas estampas da Bibliotheca Real de Ma-

drigrid não está o fidalgo da Mancha; esse só mais tarde deveria surgir dos lápis dos artistas, quando a figura tivesse sido devidamente compreendida para poder ser interpretada.

Se daí passarmos, num salto enorme, à interpretação de Gustavo Doré, vemos surgir da obra um Quixote absolutamente diferente. Ao seu corpo magro poderá faltar músculo mas à sua alma atlética não faltará nunca valentia. O Quixote de Doré é a Ideia cavalgando uma pileca. É a Raça a lutar com a pouca sorte. É o Espírito pronto enclausurado na Carne fraca.

Os modernos compreenderam o que tinha escapado aos antigos. Da gargalhada da sátira souberam extrair o som grave do «Mea culpa» latino batido em todos os peitos no minuto sincero de todas as almas. Mas como os defeitos do herói (os nossos defeitos) não são daqueles que deprimem ou envergonham, nós achamos bem que os artistas nos mostrem o Fidalgo da Mancha magro mas direito, vencido, com os olhos no céu mas ruminando sempre depois de cada regresso uma nova sortida, esperando o minuto último da vida para despir a ilusão e vestir o cilício dos contritos. É assim que nós o queremos, porque ninguém gosta de ficar mal num retrato...

E, já que falamos na iconografia do Cavaleiro da Triste Figura, não devemos esquecer

a interpretação gráfica dada pela arte japonesa ao vulto latino de Cervantes.

Essa figura rígida, sendo talvez a mais moderna, é a mais antiga como recorte. O D. Quixote japonês tem alguma coisa dos



D. Quixote é armado cavaleiro
 (Estampa da Bibliotheca Real de Madrid)

guerreiros assírios que vemos nos frisos da Babilónia. Esta interpretação nipônica comove-nos. O artista, não sabendo ou não podendo, por diversidade da Raça, interpretar o herói manchego, deu-lhe ao vulto a rigidez lendária dos seus colegas da Ninive, e afastando-o no Tempo ofereceu-lhe, tanto quanto pôde, a posse da imortalidade. *Ex Oriente lux...*

CASTELLO DE MORAIS.



A maguado

por Aurora Jardim Aranha

O Miguel e a Marilaura estão casados há dez anos. Ela é sonhadora, de requintada sensibilidade, romântica e sentimental. Ele vive para a mulher e para a casa, mas é extremamente prosaico, sem ter jamais uma palavra que crie a ilusão, ou um gesto que dê o frisson. Trouxe para o lar um filho que nasceu em Africa.

Há alguns dias que marido e mulher andam sob o peso duma grande preocupação. A casa comercial onde ele tem sociedade ameaça desmoronar-se, o que lhe causará sérios prejuízos. Chega a casa para jantar. Vem ter com a mulher ao quarto e, sem reparar que ela ficou toda contente ao vê-lo (só por o ver, por ele ter chegado, por estar ali) dá-lhe a cara a beijar num gesto maquinal, seco. Não é por mal que assim procede. Mas ele tem lá tempo para pensar em ninharias!

MARILAURA — Então, Miguel, há alguma coisa de novo?

MIGUEL — Uma próxima reunião de credores. Vamos para a ruína, Marilaura, mas não tenho receio que nada te há de faltar. Trabalharei. Com vontade e saúde tudo se consegue.

MARILAURA (aparentemente calma) — Eu nada temo, Miguel, Em vez de dez vestidos, farei dois, mandarei embora uma criada e irei buscar o pequeno ao colégio para o internar noutro mais modesto.

MIGUEL — Talvez não seja preciso isso. Depois veremos.

MARILAURA — Olha, Miguel, o essencial é que a desgraça nos não separe. Continuando nós a amarmos-nos como até aqui... (Passa-lhe os braços em volta do pescoço e quer beijá-lo).

MIGUEL (soltando-se do abraço, sem ver os lábios que procuravam os seus) — É claro, é claro. Eu hei de mostrar sempre que sou um dominador, que sei vencer a vida!

Realmente, o Miguel perdeu quasi toda a sua fortuna naquela ocasião. Mas não desanimou. Cavou-se-lhe mais uma ruga na testa e mais alguns cabelos brancos surgiram.

Passados dois meses o filho veio para casa doente. A Marilaura tratou-o como tanto carinho como se lhe tivesse dado o ser, mas...

MIGUEL — Diga-me, doutor, não há ao menos uma esperança... uma possibilidade de salvação?

O MÉDICO — Os meus colegas disseram-lhe toda a verdade. A última conferência realizada foi definitiva. A criança está irremediavelmente perdida!

O Miguel tornou-se mais pálido. Uma crispção de dor percorreu-lhe o rosto amargurado. Mas reagiu imediatamente, apertando os punhos e erguendo a cabeça. O médico saiu.

MARILAURA (chorando) — Meu pobre Miguel, tens que te resignar. Tu bem viste como eu fiz tudo quanto me foi possível.

MIGUEL — Mas, decerto, Marilaura. Foste sempre carinhosa para com o meu filho. Nem outra coisa era de esperar de ti.

MARILAURA (ajoelha-se junto do maple onde o marido está sentado e colocando a cabeça nos seus joelhos, chora) — Pobrezninho!

MIGUEL (ajasta-a) — Bem; basta de pieguices. Não há nada a fazer, paciência. É preciso pensar agora nos últimos preparativos.

MARILAURA (num grito) — Já?! Mas se o teu filho ainda respira!

MIGUEL — Eu bem sei o que faço. Sou o homem forte que nunca perde a cabeça, Maria! Não sei para que gritas e choras — não adiantas nada com isso!

Ergue-se e sai. Marilaura, maguada, corre para o quarto do enteado e ajoelha-se junto d'ele a chorar.

Alguns meses passam. Acabaram de jantar e vieram para a salinha dela. O Miguel lê e Marilaura borda.

MARILAURA — Vi hoje um chapéu muito lindo e muito barato, sabes, Miguel?

MIGUEL (sem interesse algum) — Sim?

MARILAURA — Preto, em feltro e panne, com um fecho de pedras. Não calculas que seja bonito?

MIGUEL — Não. Hum...

MARILAURA (maguada) — Sim... não... hum... Só respondes por monoslabos. Fazes-me nervos!

MIGUEL (com autoridade) — É uma coisa que eu felizmente não possuo. Não há nada como a gente saber dominar-se a si próprio para poder dominar os outros. Sangue-frio, calma e cabeça no seu lugar — três factores poderosos com que se vence a vida.

MARILAURA (energada) — Que estás a ler?

MIGUEL — «A educação da vontade».

MARILAURA — Mas tu não precisas de ler isso. Dizes que só fazes o que queres...

MIGUEL — Exclusivamente. Mas gosto de encontrar aqui as minhas ideias. Há de ler este livro.

MARILAURA (impetuosamente) — Eu? Só gosto dos livros em que se fala de amor.

MIGUEL (fitando-a com um olhar de com-





paixão) — Amor! Sabes lá o que é amor! É uma palavra óca, sem significação definida, que encobre muita tolice e de que os literatos se servem hoje a torto e a direito porque lhes falta envergadura para tratarem de mais altos ideais, tais como o dever, a vontade, a prática da vida, etc., etc.

MARILAURA (com os olhos rasos de água e a voz trémula) — Ó Miguel, pois tu dizes que o amor não existe? (Com um nó na garganta e o coração apertado) Então nós, eu... e tu? Sim... isto que é?

MIGUEL (pegando, de novo, no livro e procurando a linha em que ficara) — Nós somos marido e mulher, ligados para a vida e para a morte por uma grande amizade plena de bom senso, de calma e de mútuo respeito e isenta de pieguices inúteis. Só seguindo esta norma se vence a vida. Mas falemos doutro assunto que este não me interessa. (Retoma a leitura, enquanto o bordado de Marilaura se vai humedecendo de pequeninas lágrimas maguadas).

Passam-se três dias. O Miguel volta para casa e, como de costume, dirige-se para o quarto. A Marilaura não está. Atrai-lhe a atenção uma carta a ele dirigida. Com uma lima que procurou na taça azul e que, contrariado, encontrou dentro duma gavetinha, fora do seu lugar portanto, abriu o sobrescrito e leu:

«Miguel

«Perdôa. Lutei muito antes de te causar esta contrariedade. Mas mato-me enrodilhada em dôr para não morrer um pouco todos os dias amortalhada em revolta contra a tua indiferença e o teu egoísmo. Não me sou-

beste compreender e nunca descobriste a minha infinita e estéril tortura.

«Vais admirar-te e antes de fazeres um exame à tua consciência, excluirás: Mas de que mais precisava eu para ser feliz se tinha tudo: conforto, respeitabilidade, a minha afeição, o sossego...

«Tinha tudo, mas faltava-me uma pequenina coisa, Miguel... sabes o que era? — o amor! Tu julgas que uma mulher de trinta anos, linda, vibrante e frágil como eu sou pode não pensar nêsse inferno do céu que tu nem sabes que existe?

«Vivi sempre maguada a teu lado porque não consentiste nunca que a minha alma se abrisse, derramando sobre ti as catadupas do meu sentimento. Andavas lá por tão longe!

«Às vezes, no silêncio das minhas noites irritadas de insónia, eu tinha vontade de te acordar e de te dizer baixinho, por entre lágrimas: Miguel, olha que vamos por mau caminho, preciso que me embales com a melopeia lenta e quente e dolente das palavras que criam universos de frémito, que me obrigues a esfacelar-me de sofrimento laivado de ciúme e de tortura, que me faças vibrar a alma num olhar, e que contemples comigo o céu do sentimento que freme, lá bem alto onde o amor existe e a banalidade do mundo não penetra.

«Isto de saíres de manhã com um beijo distraído, procederes durante o dia com a ordem matemática que pões em tudo o que fazes, falares sempre dos mesmos lugares comuns, afirmando a tua superioridade que consiste afinal em teres no coração um pedacito de gelo e na sensibilidade uma monta-

nha de indiferença — era matar lentamente a mulher que ao teu lado vegetava.

«Por isso, Miguel, eu que te amo sempre e que não quero mais esfacelar as unhas, esfarrapar o coração e ensanguentar-me tôda, de encontro à gélida muralha do teu positivismo, resolvi suicidar-me.

«Sinto demasiadamente para ser feliz — basta de cerrar os dentes para calar os impetos da minha sensibilidade e os gritos do meu amor — tão desprezado, pobresito!

«Tu não tens culpa, meu pobre Miguel, cada um é como Deus o fêz e ninguém se modifica.

«Termino, repetindo a tua frase predilecta: «é assim que se vence a vida» — eu achei apenas êste meio: fugir dela.

«Nêste minuto que estou longe de ti envio-te o mais delicioso beijo da nossa existência — aquele que nunca chegámos a dar... Sentiste? Era labareda de fogo ardente, vibração de duas almas que jámais se encontraram, plangência de renúncia perfumada pelos crisântemos que em breve irão beijar a minha campã.

«O derradeiro beijo da maguada que foi tua, sem o ser.

MARILAURA.»

O Miguel leu, esgazcou o olhar, releu, e antes de correr pela casa fora como um desgraçado, exclamou:

— Dez anos! Dez anos juntos e não a conheci!

(DISENHOS DE TAGARRO)



— É O 1929!...

Soam as dôze badaladas, lentas, vibrantes, imperiosas! Passagem do ano. Há festa rija nos lares afortunados. Retinem taças de Champanhé, fazem-se votos, ajuíza-se o ano que expirou e saída-se o que entra, de face oculta sob mascarilha discreta.

— É o 1929!... — grita cada qual para si. Número de sorte grande?... Número branco?... A incerteza aguilhoa os espíritos e todos afugam a ambição que mais estremece, murmurando-lhe: — Talvez seja agora... Talvez o 1929 te dê efectividade!

E o mundo inteiro é uma criança que colou o sapatinho na chaminé, a ver o que lhe põem lá dentro...

Quantas desilusões! Quantas esperanças por terra, como castelos de areia que onda forte desmoronasse! ...Ninguém se recorda de que o instante não tem inédito, a sensação é experimentada, as doze badaladas repetidas, como no ano anterior em que a sorte saiu branca... E então vá de architectar novos ideais, vá de acariciar novos desejos, vá de abraçar novas quimeras.

Os dias, as semanas, os meses vão passando... O eco das doze badaladas vai-se extinguindo pouco a pouco. Raros são os que se lembram de quanto fantasiaram, ao entrar o Novo Ano. Projectos que se não realizaram, promessas que se não cumpriram, aspirações que se desfizeram... Mas que importa tudo isso?... É lei humana esquecerem-se as lições que o tempo dá.

Aproveitemo-nos, portanto, do que se passa à nossa volta e procedamos, como toda a gente... de juízo.

Que sentença nos merece o 1928?... Em nossa qualidade de mulheres — mas de mulheres modernas... mais objectivas do que subjectivas — revendo os feitos cometidos pelo digníssimo Ano Velho, concluimos que alguma coisa de aproveitável êle nos legou.

Entremos no campo do positivismo — de todos o mais concorrido, nos tempos que atravessamos... — e demos balanço às vitórias da mulher (que não feministas!) por êste mundo de Cristo.

E agora (num aparte...) vos pergunto: Reparastes em com fugi do termo *feministas*?... É que é dos tais que faz ericão os cabelos a um certo número de pessoas! Feminismo, em Portugal, tem sabor pecaminoso... Os homens irritam-se ao ouvi-lo e as mulheres receiam-se de pronunciar-lo, pois bem sabem — as coitadas! — quanto êle provoca discussões, quanto incita a polémicas, quanto inspira sorrisos de ironia e palavras de desprezo.

Helena Vacaresco, numa conferência brilhante (parece-me êste o adjectivo adequado, por isso relevem-me a banalidade da expres-

são...), que, há tempos, realizou na decantada cidade de Paris, sob o título de «O voto das mulheres», pôs em foco as altas qualidades da mulher, para desempenhar todo e qualquer cargo em todo e qualquer campo de acção.

É uma conferência que marca — a de Helena Vacaresco! Perante as suas palavras sonoras e conscientes da verdade que encerram, não creio que se fique com desejo de combater certas ideas que, hoje em dia, alastram por toda a parte... Vacaresco não esgrime apenas com theorias, mas também com factos concretos, que ela aponta satisfeita, como troféus duma batalha encarniçada, uma batalha que deu a vitória ao lado mais fraco — a batalha pela emancipação feminina.

Replicam à conferente Maria Nerone e Maria Gasquet. E eis porque Helena Vacaresco inicia a sua palestra da seguinte forma:

«Somos três dantes de vós, como as graças, como as Fúrias, como as Parcas. Tranquilizai-vos! Deixaremos às Graças os atractivos, com que desejariam gratificar o nosso sexo, para melhor o enfraquecer. Não disputaremos às Eumenides o temível carácter. Porém, gostaria de dispôr da funesta tesoura que fazia tremer o bom do La Fontaine, da tesoura de Atropos, a fim de cortar, duma vez para sempre, o fio das más controvérsias que se estabelecem contra o feminismo.»

Mais adiante, para demonstrar de há quanto datam os movimentos... «feministas», conta-nos a conferente uma anedocta, que não posso eximir-me de repetir-vô-la, tão curiosa a acho!

Estamos no fim da segunda guerra púnica. Uma questão «de vida ou de morte» levanta-se entre Roma e Cartago. No Senado legisla-se a todo o instante, sem resultados proficuos. Farejando, continuamente, o meio de lançar novos impostos, surge a idea de publicar uma lei que vise os adornos femininos.

...Entretanto, as mulheres repontam com o caso e dizem que a não accitam. Ah! se lhes tivessem falado ao sentimento patriótico — exclamam elas — darim os escravos, as jóias, as liteiras. Porém, serem constrangidas... isso nunca!

Já sufocava de cólera o velho Catão, quando um homem surde (parece que o primeiro «feminista militante», que a História assinala...), de nome Lucius Valerius, e, apaixonado por semelhante protestação da parte das mulheres — «protestação feminista», assim lhe chama Vacaresco — manifesta-se a favor... E daqui um tumulto de alto lá com êle! O Senado invadido pelos romanos que acorrem de todo o país... E o bom do Catão,

completamente fora de si, aconselha os maridos... a que fechem em casa as mulheres!

Daqui se conclui que os movimentos de revolta feminista... não são de há muito pouco; e que, no século XX, em que tudo reveste uma feição de independência, de actividade e de rapidez vertiginosa... não têm cabimento os sorrisos de ironia, as palavras de desprezo, os ditos insidiosos contra a emancipação feminina.

Postas as coisas nestes termos, vamos então rever as novidades que, no género, nos trouxe o 1928.

Datada de Washington vinha êste verão, em um certo jornal, uma crónica um tanto espirituosa, informando-nos duma novidade de sensação! Tratava-se de como as mulheres conseguiram introduzir-se na Conferência do Direito Internacional, a realizar-se em Haia.

...E o cronista comentava: «Fôra dado o grande passo, conquistado o primeiro reduto, vencida a primeira dificuldade. Daí em diante era deixá-las. E a verdade é que não pararam mais... nem naturalmente pararão tão cedo...»

Segunda vitória da mulher:

Mustaphá Kemal encontra-se disposto a consentir nos direitos políticos das suas compatriotas. Passaram de viver enclausuradas — a votar, a pedir o divórcio, a administrar os bens... Como, no século, os factos voam!

Também em França tudo leva a crer que o 1929 as presenteie com o direito do voto. Chegou-nos a noticia através dum artigo de Irene de Vasconcelos que, em alto e bom som, proclama o beneficio social que advém da intervenção da mulher na vida política.

«Ela deixa ao homem as subtilidades politicas para se consagrar às realidades, combatendo o alcoolismo, o jôgo, e pugnando pela hygiene das cidades e dos lares, pela mocidade, pela infancia...»

E, pois, todo um trabalho de moralização e de filantropia. Abençoado feminismo!

Temos ainda três notas interessantes a registar: Uma embaixatriz russa em Oslo. Uma chinesa, Suma Cheng, enviada ao estrangeiro também como embaixatriz... E duas chilenas, cônsules em Inglaterra, tratando dos interesses do seu país: Olga de la Barra e Inês Ortuzar.

— É o 1929!... — Número de sorte grande? Número branco?...

Se há por aí algumas portuguesas com vontade de progredirem, de se collocarem ao lado da mulher estrangeira, a quem o mundo já não oferece segredos... que elas confiem no 1929!

...As doze badaladas acordam todas as esperanças! embora às vezes fôsse melhor que continuassem dormindo ...

Dezembro, 1928.

GABRIELA CASTELO BRANCO.

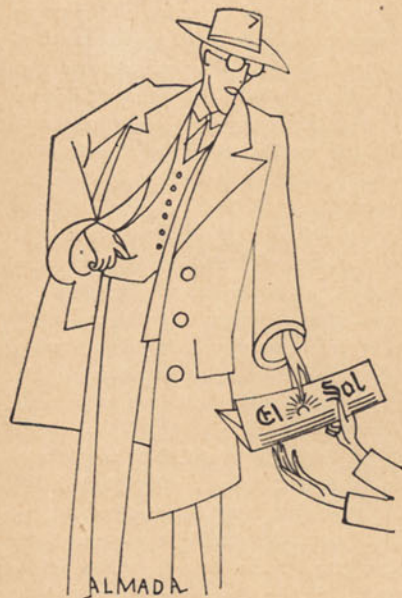
Quem nunca viu Lisboa...

CRÓNICA FRÍVOLA DE

NOVAIS TEIXEIRA

• BONECOS DE ALMADA NEGREIROS

Não sei se me fica bem a confidência: eu nunca tinha vindo a Lisboa. A minha situação especial de súbdito português com resi-

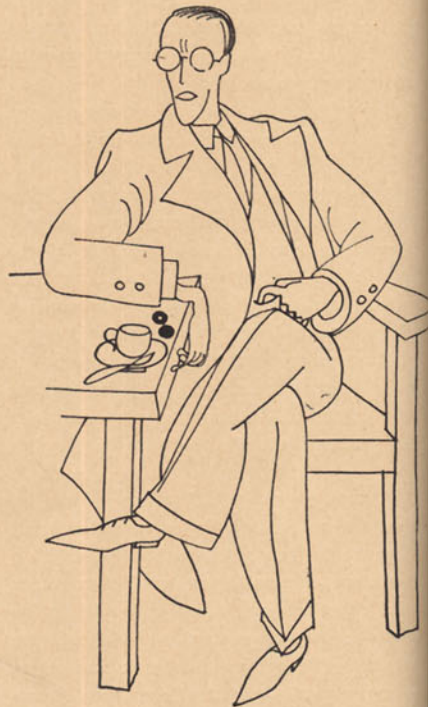


dência fixa no estrangeiro lançava sobre esta falta uma tão grave responsabilidade que não me sentia com coragem para a confessar a nenhum amigo espanhol.

Preciso de lhes dizer que não sou homem endinheirado. Ostento em Madrid pomposas representações de várias entidades intelectuais portuguesas e isto pode sugerir dúvidas no espírito do leitor ingénuo acerca da minha situação económica. Não tenho dinheiro para emprestar, nem crédito, verdade-

seja, para pedir emprestado. Em todo o caso, sempre saio para a rua com dinheiro que me chega para o eléctrico, para comprar um jornal, para tomar um café, e, em dias de grande gala até para frequentar um teatro. Há, no entanto, meia dúzia de dias durante o ano—dizer muitos mais seria choradeira—em que as minhas reservas económicas só me permitem um luxo: trepar ao eléctrico. Nem mais... nem menos. Pois é precisamente nesses dias que me vou encontrar no democrático veículo com a esposa dum amigo que regressa a casa depois dumas compras que fez, com a colega literata que foi levar certo artigo à redacção dum jornal, com as simpáticas filhas dum cavalheiro que, na véspera, em casa do papá, onde jantei na honrosa categoria de convidado, me rodearam de atenções. Parece, enfim, que todo o limitado número dos meus conhecimentos se conjura para pôr em evidência o melindroso estado da minha pobre bolsa. V.ª Ex.ª, certamente, nestas condições, sentiam-se animados pelo nobre intuito que me assalta a mim: prestarem-se, solícitos, a depositar na mão do cobrador o insignificante custo dos bilhetes. Mas como os nobres intuítos nem sempre, e ainda menos nestas ocasiões, correspondem às nossas possibilidades monetárias, e um golpe de franqueza seria heroísmo que não está dentro das capacidades épicas de ninguém, no momento em que a figura comprometedora do cobrador se aproxima

das senhoras das nossas relações, em amável colóquio comôso, provocamos uma questão com o vizinho do lado, calcando-lhe, por exemplo, um calo, ou corremos esbaforidos para a plataforma da frente com o fim de chamar um problemático amigo que passa nesse crítico momento. É muito simples e damos assim tempo a que o cobrador cumpra



com o seu iniludível dever, não voltamos a aludir ao assunto e até chegamos a regosijar-nos se, entretanto, alguma daquelas damas

teve a generosa idea de nos pagar o bilhete. O nosso crédito de homens gentis fica perfeitamente ileso.

Caso idêntico me sucedia a mim com todos os espanhois que tivessem de vir a Lisboa. Havendo tanto português em Madrid que conhece os pontos mais recônditos desta bela capital, parece que se conjuravam unânimemente para se dirigir a mim à cata de informações. Quando saiam do consulado de visar o passaporte, iam ao meu encontro como uma flecha.

—E onde fica Alfama?— perguntava algum dêles.

—Lá para baixo...— respondia eu, estendendo o braço num gesto firme, categórico, concludente, que supria a necessidade de mais detalhes enfadonhos.

—E as Janelas Verdes?

—Oh, isso... lá para cima.

O meu interlocutor considerava-se magnificamente esclarecido.

Chegava, por vezes, a dar as mais pormenorizadas informações, recomendando hotéis, indicando teatros, marcando a situação de ruas, e, acompanhado duma sorte tal que, se nalguma contradição caísse, esta sempre era de molde a poder atribuí-la à falta de memória do meu confiado amigo.

Os senhores, que lêem a *Ilustração*, têm, sem dúvida, as suas opiniões literárias. Um ameno cavaco acêrea de livros e escritores é assunto que os deleita, não é verdade? Nunca lhes saltou como tema de discussão, o nome de certo livro tratado com tanta familiaridade pelo companheiro de café que sentem vergonha de dizer que o não conhecem? Ia apostar que sim. E como salvam o compromisso? Como eu e toda a gente o salva. Amparando a conversa com aquela reserva de termos comuns a todos os livros e a todos os escritores, que nos permitem ocultar as provas da nossa incalculável ignorância. Assim sucedia comigo:—Lisboa era o livro célebre que eu nunca tinha lido. E, para um estrangeiro, qualquer súbdito português que não conheça Lisboa é como aqueles homens que, em plena exuberância dos seus trinta

anos, ainda conservam tôdas as minudências fisiológicas, que hoje já não existem nos pequenos de quinze, tal a pressa com que a vida caminha. E eu, que estou a raiar pelos trinta, podia carregar com as culpas de tudo... menos de que não tinha vindo a Lisboa.

Lá para o compatriota lisboeta ainda havia os meus motivos de desculpa:

—Então você não conhece a capital?— perguntava com certo embasbacamento de boi em frente a palácio.

—E, você, conhece Guimarães?— repelia

eu, com todo o meu orgulho de compatriota vimaranense, que não admitia que o velho berço da nossa nacionalidade pudesse ter segredos para ninguém.

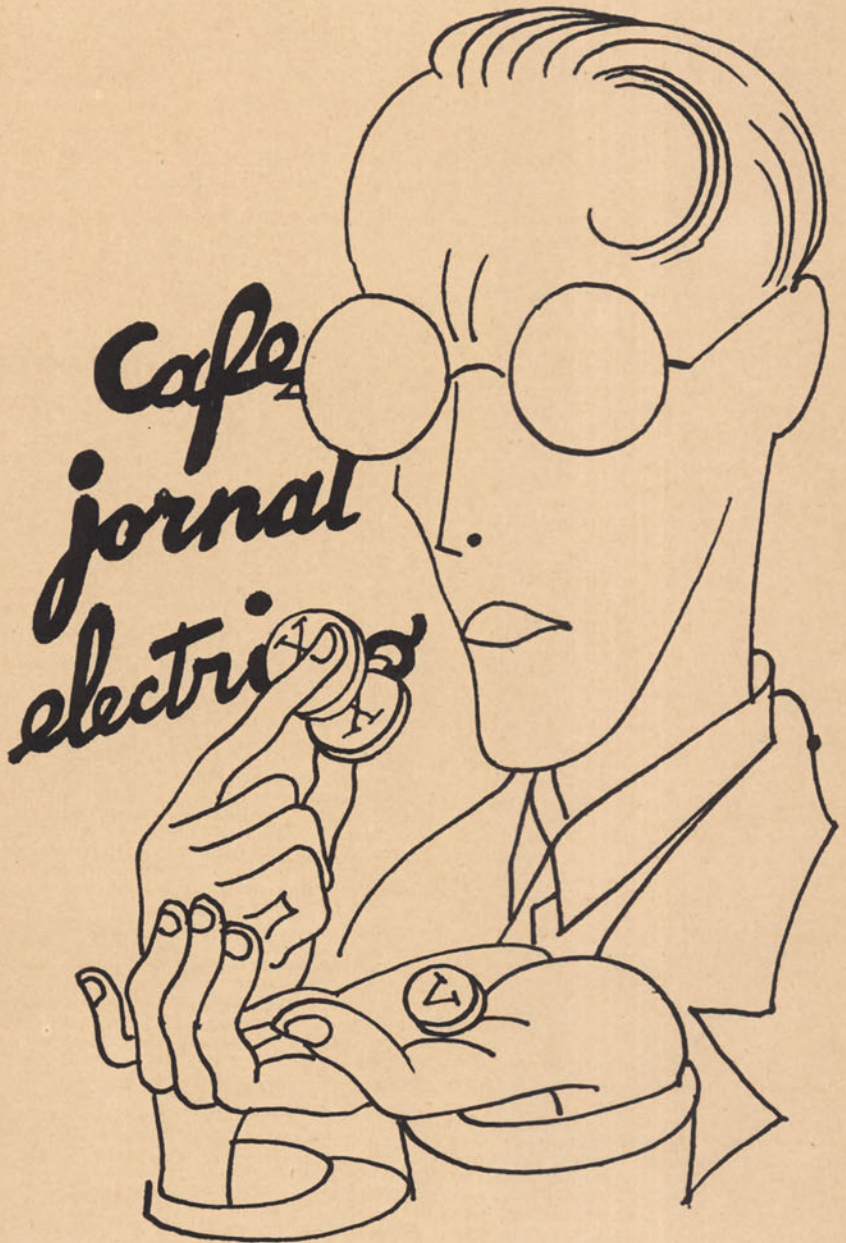
—Não, realmente.

—Pois então estamos pagos.

O certo é que eu nunca tinha vindo a Lisboa...

...Mas vim agora... e aqui vo-lo estou contando! Ora essa!...

Lisboa — 1928.



CRÓNICA MUSICAL

FACTOS—IMPRESSÕES—OPINIÕES

NOVOS CONCERTOS SINFÓNICOS.—AS OUTRAS ORQUESTRAS.—UM CONCERTO DE CANTO.—PRIMEIRAS AUDIÇÕES E QUATRO NOMES: STRAVINSKY, MALPIERO, MANUEL DE FALLA, VINCENT D'INDY.—DUAS PRIMEIRAS AUDIÇÕES PORTUGUESAS.—CÓRO MIXTO NO TIVOLI E SOCIEDADE CORAL.

DUARTE LOBO

A grande novidade do princípio da época de 1928-1929 no campo musical,—vasto terreno onde abundam ainda faixas por cultivar, além de cardos e urtigas a arrancar, e também maravilhosas paponas a desabrochar e abençoadas searas a medrar,—foi a criação duma nova orquestra sinfónica.

Houve logo quem censurasse que se instituisse mais um conjunto sinfónico em vez, pelo contrário, de fundir as duas orquestras já existentes numa só a aproveitar os melhores elementos. Mas como a nova orquestra escolheu para funcionar o elegante e confortável Tivoli nas tardes dos sábados, quando os outros concertos sinfónicos são sempre dominicais, combinando mais as horas dos ensaios, nada impedia,—como nada impedia,—que pudesse agrupar-se a referida selecção de elementos, (na medida das restantes possibilidades...).

E embora os elementos que compõem a «nova orquestra» não tivessem sido fabricados de pronto para esta ocorrência, bem merece ela o seu qualificativo, se ligamos ao seu sentido a ideia de «renovação», é claro, e nunca a ideia de «aprendizagem». Demais, está dito e redito, o conjunto orquestral é,—bom ou mau,—semelhante a um gigantesco instrumento, em que o artista chefe toca e de que tira partido tal qual um instrumentista faz do seu instrumento; e Pedro de Freitas Branco, o novo maestro-director do novo grupo, que já trazia prestígio ao iniciar o seu novo comando, confirmava imediatamente esse prestígio com as suas qualidades matas de chefe, o seu senso orquestral, o seu espírito moderno moldado sobre o estado actual da evolução da música, a sua cultura, o seu poder de sugestão.

Porém, o número das nossas orquestras não se quis demorar na trindade; depressa recaído no velho par,—logo que Pedro Blanch abandonou a lide, lamentamos a deserção de Pedro Blanch; aliás, seria injusto, anormal até, que 17 épocas, isto é, 17 anos consecutivos de labor artístico no mesmo meio, pelo mesmo artista, à frente do mesmo núcleo não criassem raiz e não originassem reconhecimento.

Pela nossa parte esperamos a todo o tempo o reaparecimento de Pedro Blanch, que é uma inteligência viva e um profissional entendido; e só nos explicamos o seu desânimo, a preparar-se já de alguns anos atrás, por qualquer traição,—involuntária, quiçá, e de que foi o primeiro a sofrer,—traição no seu íntimo para com o amor e o culto de que a música vive...

Bem diferente é a personalidade que acusa Fernandes Fão, agarrado à música como as serpentes ao «Caduceu»!... Ocorre-nos uma ideia diabólica, cujo diabolismo fica sem alcance, visto que é ideia impossível de pôr em prática: ver o que acontecia se o maestro Fão fôsse de repente forçado a um absoluto divórcio de tudo que fôsse música; adens banda da Guarda, de honrosa existência e brilhante história, adens aulas, onde se vela com tanto carinho ao despertar das aptidões, adens orquestra entre tudo

bem amada,—nem um violino, nem uma rabequinha, sequer, para entreter as horas intermináveis! Adoezia, endoiezia, finava-se Fernandes Fão?... Ou, muito simplesmente, resignava-se, mais, delectava-se a ouvir cantigas do vento e do mar,—as mais ricas e mais melodiosas vozes para quem as sabe ouvir, disse o grande Debussy,—enquanto quem se desolava era o seu público, ao qual temos o prazer de pertencer, mais precizado de concretas manifestações musicais...

Por enquanto, à parte os concertos sinfónicos, pouco há a mencionar,—um concerto pelo tenor Mateus Mocho Gomes da Silva, em que esse artista se revelou um valioso elemento, se o quizer ser, porque a sua voz é bem timbrada e está bem colocada, e porque canta com escola, com sensibilidade e inteligência.

Mas os concertos sinfónicos abrem-nos agora outro aspecto para apreciações. Pois com as qualidades que notamos em Pedro de Freitas Branco, resultava natural que se nos fôsse alargando o conhecimento de obras novas. Sem demorar sobre primeiras audições importantes mas de autores pertencendo a outras quadras da história da música,—como o «Manfred» de Schumann, um trecho da «Sinfonia gigantesca» de Mahler, um trecho do «Messias» de Haendel, e outros,—reservando também Debussy e Dukas para outra oportunidade que decerto não nos há-de faltar, agrupamos aqui, na mesma alegria íntima do colecionador que acaricia e coloca quadrosinhos de valor recentemente adquiridos, quatro nomes: Stravinsky, Malpiero, Manuel de Falla e Vincent d'Indy.

Não é que esses quatro nomes fôsem totalmente desconhecidos do público português; Stravinsky, e principalmente Manuel de Falla já tinham cá sido interpretados de modo a impôr-se-nos. Sobre o que respeita a Malpiero e a Vincent d'Indy, foi mais absoluta a revelação. E nunca como agora, pelo contraste sem dúvida, se nos fixou clara e incisiva a impressão dessas quatro modalidades tão diferentes...

Com «Istar», Vincent d'Indy, o rude gaulês das «Cévennes», severo até no sensualismo, fanaticamente em busca duma verdade que para ele nunca se revela singela, a lembrar pela formosura e pela cor os templos de grandiosa e simbólica arquitectura onde a luz só entra coada pelos vitrais; o italiano Malpiero, com as suas «Impressões del vero», exactamente o inverso, criatura óbria de ar livre, que parece não buscar coisa alguma, mas fazer-se apenas o eco multiplicado dum motivo em que o ambiente se concretiza para ele; Skavinsky, o príncipe dos ritmos, sobre os quais se atira num equilíbrio nunca desmentido, nos mais rasgados vãos; Manuel de Falla, um Homem e uma Mulher enlaçados, a reproduzirem na pujança da mocidade amorosa, o garbo, o fanatismo, a malícia e a sedução de Espanha...

Assim no-los retem a fantasia. A análise musical não originava menos absolutas diversidades de invenção e de processo. Mas qualquer delas, tecnicamente, são boas

obras, e esteticamente tem seu lugar seguro na história musical contemporânea, Malpiero na vanguarda, pela ousadia,—atrevidimento quasi,—do impressionismo.

A arte musical portuguesa já teve igualmente, nesta época, a sua hora festiva, e a Fernandes Fão se deve. Referimo-nos às primeiras audições dos «Motivos Lusitanos», de Ivo Cruz, e do «Hino de Santa Cruz», de Sampaio Ribeiro, Composição mística, sem outro carácter do que o carácter meramente religioso, não cremos que o «Hino de Santa Cruz» seja mais um degrau para o progresso nacionalista português; é, contudo, obra em que superintende uma mão hábil e um espírito ordenado de bom músico. Quanto aos «Motivos Lusitanos», de Ivo Cruz, estão acima do nível dos nossos compositores pela orquestração e a distinção da forma; pela sensibilidade e o valor das ideias, deixam-nos numa expectativa cheia de esperança, de que Ivo Cruz se afirme.

Sempre à sombra dos concertos sinfónicos abeira-se mais um importante acontecimento musical,—cuja apreciação vai finalizar—esta crónica. Importante, dizemos nós, e não é que o seja em si, por enquanto; é-o todavia pelo esforço que representa, e mais do que esforço, persistência; nunca estivemos tão perto de ver o canto coral polifónico definitivamente implantado em Portugal! Em dois concertos do Tivoli colaborava um grupo mixto, (ainda por baptisar), e num concerto Fão era a «Sociedade Coral Duarte Lobo» quem dava o seu concurso. Ambos estes grupos não são uma reunião efémera. Qualquer deles tem qualidades que lhes permitem vencer.

Achamos curiosa a negação da índole portuguesa pelo canto em conjunto, a diferentes partes, e o interesse entusiástico que despertam tôdas as realizações corais. Aparentemente paradoxal à primeira impressão, reflectindo, compreende-se que, havendo tão pouco quem se preste ao género de trabalho requerido pelo canto coral polifónico, as realizações corais tomem as proporções dum quasi milagre, além das suas inegáveis possibilidades de tributo à beleza da música.

Outro paradoxo mais difícil de deslindar,—a índole portuguesa, que é individual, curva-se logo ante o colectivismo da moda; os vestidos, os cabelos, as unhas, as jóias, tudo enfim se modela sobre um padrão mais ou menos comum e que dura um pouco mais do que as rosas de Malherbe; (de resto, mais grãozinho menos grãozinho de originalidade individual, noutros países o mesmo facto impera); a relutância só principia quando a disciplina estreita os laços, comandando que se atenda ao próximo, e se obedeça ao chefe, sem contudo deixar então a cabeça «mecanizar-se». É preciso ter tino, ter juízo, e submeter-se como se não se tivesse nem juízo nem tino!

Nas raças mais reflectidas já se nasce com esse atavismo; outras são as qualidades meridionais, o que não impede que numa circunstância onde há tudo a ganhar se não faça um esforço.

Sempre prégamos pelo canto coral,—e houve tempo em que julgávamos quasi prégao no deserto;—hoje, é mais engraçado, parece-nos que estamos prégando uma coisa já ganha.

FRANCINE BENOIT.



Passatempo

FENÔMENOS ÓPTICOS
Os discos cinzentos



Fig. 1



Fig. 2

Quando superfícies iguais, brancas e pretas, se sucedem com regularidade e rapidez sobre a retina, a impressão que produzem é análoga à que produziria uma superfície cinzenta que estivesse imóvel.

Isto demonstra-se muito facilmente do seguinte modo:

Sobre um pedaço de cartão traça-se um círculo, de qualquer diâmetro, e divide-se em oito partes iguais, do centro para a circunferência, isto é, em oito sectores, como a figura 1 está indicando. Dêsses oito sectores, quatro, alternados, pintam-se de preto. O desenho assim obtido fixa-se a um eixo, vertical ou horizontal, a que se possa comunicar, por meio de um tirante e uma manivela, movimento rápido de rotação. Logo que este movimento se estabeleça, o círculo de cartão, participando dele, apresentar-se-há com uma cor uniformemente cinzenta. Se tão somente se pintarem de preto dois sectores, o cinzento produzido será menos intenso.

A estas superfícies brancas e pretas pode dar-se-lhes disposição menos regular, como se mostra na fig. 2, e neste caso, o cinzento terá a mesma intensidade, pois a soma das superfícies pretas é igual à das brancas.

Ela: — Está tudo acabado entre nós, e vou retirar-te tudo quanto me deste.

Ele: — Perfeitamente, minha querida. Principia pelos beijos.

MONOGRAMA

(Explicação)

FINLANDIA



UM APERITIVO

O CONVIDADO (*servindo-se de cognac*): — É uma coisa curiosa, mas nunca tenho apetite ao jantar se não puder beber um cálice de cognac em seguida.



Entre os passageiros de um navio que andava em cruzeiro pelas costas da Suécia, havia um médico novo que travou conhecimento com um estudante francês, o qual parecia estar radiante e bem disposto.

— Vê-se que é feliz! — observou-lhe o médico, ao chegar o estudante junto dele animado, como sempre, e rindo.

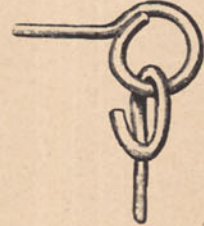
— Quem não havia de sê-lo, no meu caso? — foi a resposta. Ando na minha viagem de núpcias.

— De núpcias?! — perguntou o médico, surpreendido. Mas então, onde está...

— Ah! — tornou o estudante — admira-se de não ver minha mulher? Então, que quer! O dinheiro não chegava para dois, tive de vir sósinho!

A QUESTÃO ORIENTAL

(Paciência)



Assim é conhecida a paciência que a figura junta representa.

Duas peças de arame grosso são dobradas pelo modo indicado, formando cada uma um anel aberto, ou antes, o segmento de uma espiral, com uma pequena porção recta para servir de pega ou cabo.

Entrelaçadas como se vê, a paciência consiste em separar uma da outra.



Diana: — O teu futuro marido sabe a tua idade?

Elisa: — Sabe... em parte.



— Há quanto tempo está seu marido sem trabalhar, sr.^a Procópia?

— Olhe, minha senhora, eu já não estou bem certa do ano em que nos casámos.



A tia: — Minha querida, os vestidos curtos ficam muito bem, mas olha que é preciso não passar os limites.

A sobrinha: — Ó tia! não pode dizer que este vestido é curto. Há bocados em que me chega quasi nos tornozelos!

(Do «Punch»)

BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA

EXTRACTO DA RELAÇÃO DAS OBRAS REGISTRADAS NA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA EM OUTUBRO DE 1928

LITTERATURA

BASTO (CLÁUDIO) — *O Doutor Diabo*. Novela. 51 p. — 5\$00.
 BLASCO (MERCEDES) — *Querem saber?* Crónicas. 128 p. 8.º c. o retr. do A. — 10\$00.
 BOAVIDA PORTUGAL — *Paraíso Perdido*. Novela. 197 p. 8.º — 7\$50.
 BOTELHO (ARTUR) — *O Mar Tenebroso*. Drama heróico. 208 p. 8.º c. o retr. do A. — 10\$00.
 BRANCO (GRACIETTE) — *Alélua*. Poema. 100 p. 8.º c. capa il. e vinhs. por Rocha Vieira — 10\$00.
 BRITO CAMACHO — *Gente Vária*. Evocações de figuras e tipos. 266 p. 8.º — 10\$00.
 CAINE (HALL) — *O Profeta Branco*. Romance. Trad. do inglês por Januário Leite. 574 p. 8.º — 12\$00.
Cartas de Camilo ao editor Malos Moreira. Com uma notícia por Júlio Dias da Costa. 66 p. — 7\$50. Ed. esp. 12\$50.
 CHAVES (PEDRO) — *Rifoneiro português*. 279 p. 8.º — 15\$00.
 DANTAS (JÚLIO) — *Diálogos*. 234 p. 8.º — 8\$00.
 DICKENS (CARLOS) — *O Espectro*. Trad. de Câmara Lima. Nova ed. Col. «Autores Célebres». 215 p. 8.º c. capa il. — 6\$00.
 GOMES (TORQUATO) — *Terra de Santa Maria*. Livro de belezas e glórias de Portugal, em remendilhãs. 81 p. c. capa il. — 6\$00.
 KOPKE (M.) — *Cartas de Africa*. Apontamentos dum sertanejo. 382 p. 8.º c. capa il. — 12\$00.
 LEMOS (ALVARO V.) — *O Minho alegre e cantador*. Quadras recolhidas na região de Viana do Castelo. 53 p. c. capa il. —
 LOPES (JOSÉ) — *Jardim das Hespérides*. Sonetos. 132 p. 8.º — 7\$50.
 MIGUEL (SIDÓNIO) — *Citara de três cordas*. Versos. 128 p. 8.º — 7\$50.
 MONTÉMÓR (NUNO DE) — *O avô*. Romance. 143 p. 12.º c. grav. e capa il. por Clotilde Matens. — 8\$00.
 MOURA (MANUEL DE) — *Alecrim do Norte*. Quadras singelas. 64 p. —
 NUNES (J. J.) — *Digressões lexicológicas*. 256 p. 8.º — 9\$00.
 O'NEIL (MARIA) — *No país dos sonhos, ou O Detective amador*. II. de Alvaro de Almeida. (Bib. dos Pequenos). 81 p. c. grav. — 5\$00.
 OURIQUE (JOÃO DE) — *Farrapos de alma*. 43 p. — 10\$00.
 PINTO LOPES (GUSTAVO DE) — *Respostas ao questionário etnográfico* apresentado pela Secretaria dos Negócios Indígenas em Lourenço Marques. Com um apêndice: *Vocabulário dos principais dialectos falados no território* (Beira-Moçambique). 147 p.
 PIRES DE LIMA (AUGUSTO C.) — *Os nossos Escritores*. 258 p. 8.º c. grav. e capa il. — 12\$00.
 PIRES DE LIMA (AUGUSTO C.) — *Portugal*. 365 p. 8.º c. grav. e capa il. — 13\$00.
 SANTOS (CARLOS) — *Como eu vi a França*. 320 p. 8.º c. grav. e capa il. e retr. do A. — 12\$50.
 SILVA VIEIRA (JOSÉ DA) — *Cançãoeiro Minho*. Canções colhidas da tradição oral. Vol. I. 127 p. 8.º —
 TAVARES (ARMANDO) — *Geira de Cardos*. Novelas rústicas. Com prefácio de G. Soto-Maior. 146 p. 8.º c. capa il. —
 VIEIRA (P.º ANTÓNIO) — *Cartas*. coordenadas e anotadas por J. Lúcio de Azevedo. Tomo III

ESTRANGEIROS AMIGOS DAS NOSSAS LETRAS

Moço escritor andaluz, dotado de fértil imaginação e estilo castiço. A sua pena, afelçoada principalmente à poesia e à novela, tem-se ocupado também em trasladar para a língua espanhola, acompanhando essas traduções de bem informadas notas bibliográficas, diversas obras de autores portugueses, como, por exemplo, succedeu com uma novela de César de Frias, nosso cronista ilustre.



D. Alejandro Collantes de Teran

(Biblioteca de Escritores Portugueses, Série C.). 811 p. 8.º — 40\$00. Ed. esp. 80\$00.
 WALLACE (LEWIS) — *Ben-Hur*. Romance. Trad. de Eduardo de Noronha. 418 p. c. capa il. — 10\$00.

HISTÓRIA E GEOGRAFIA

A MEMÓRIA DE LUÍS DEROUET. Artigos vários. 263 p. 8.º c. grav. — 30\$00.
 ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA — Vol. V. (Publicações da Ass. dos Arqs. Portug.). 233 p. 8.º c. grav. — 25\$00.
 CARQUEJA (BENTO) — *O Brasil Amado*. Notas e impressões. 226 p. 8.º — 15\$00.
 DIAS PINHEIRO (ALFREDO) — *Memória sobre a batalha de S. Mamede*. 102 p. c. grav. — 10\$00.
 OLIVEIRA MARTINS (J. P.) — *História de Portugal*. Nova ed. — Tomos I e II. — 20\$00.
 PESSOA (FERNANDO) — *O Interregno*. Defesa da ditadura militar. 31 p. — 5\$00.
 ROCHA MARTINS — *D. João de Castro* (Col. História). 64 p. c. capa il. por Raquel G. Ottoni. — 25\$00.
 SILVA GAIO (MANUEL DA) — *Eugénio de Castro*. Traços biográficos e literários. 30 p. c. o retr. de E. de Castro. — 5\$00.
 SOUSA GOMES (A.) — *A Sigla de Nuno Gonçalves*. 26 p. — 5\$00.
 VELOSO DE ARMELIM JÚNIOR (MANUEL) — *A Vida e a obra do visconde de Carnaxide*. 317 p. 8.º c. grav. e retr. do biografado. — 10\$00.

SCIENCIAS E ARTES

LANDA (RUBÉN) — *La Enseñanza secundaria en Portugal*. 109 p. 8.º — 10\$00.
 SQUEIRA DE CASTRO (JOÃO) — *Manual de Serenaharia Mecânica* (Biblioteca de Instrução Profissional). 411 p. c. grav. — 16\$00.
 SILVA CARVALHO (DR. AUGUSTO DA) — *O Culto de S. Cosme e S. Damião em Portugal e no Brasil*. História das Sociedades Médicas Portuguesas (Bib. Luso-Brasileira de História da Me-

dicina, II). 343 p. 8.º c. grav. — 30\$00. Ed. esp. 60\$00.

VALDEZ (JOSÉ) — *O Cão*. Raças, ensino e hygiene. Nova ed. 196 p. c. grav. e capa il. — 8\$00.

SCIÊNCIAS CIVIS

CAMPOS (FERNANDO) — *D. Frei Fortunato de S. Boaventura mestre da contra-revolução*. Conferência. 63 p. — 4\$00.

CRUZ (DOMINGOS DA) — *A Crise de Angola*. 122 p. 8.º — 10\$00.

BELAS-ARTES

CUNHA SARAIVA (J. MENDES DA) — *O Túmulo de uma infanta na charola da Sé de Lisboa* (Iconografia tumular portuguesa, I). 35 p. c. grav. — 5\$00.

KEIL (LUÍS) — *As tapeçarias de D. João de Castro*. 36 p. c. grav. — 50\$00.

MATOS (ARMANDO DE) — *A Flôr de Liz na heráldica portuguesa*. 14 p. — 10\$00.

PELÁGIO (HUMBERTO) — *José Malhóia, pintor*. 77 p. c. capa il. e o retr. de J. Malhóia — 10\$00.

BIBLIOGRAFIA

SECÇÃO (A) ULTRAMARINA DA BIB. NACIONAL. Inventários. 3 partes. Com estudos e notas por M. A. Hedwig Fitzler, etc. 333 p. 8.º — 15\$00.



«ENCICLOPÉDIA PELA IMAGEM», REVISTAS E OUTRAS PUBLICAÇÕES

Encontram-se no alcance do público dois novos tomos da *Enciclopédia pela Imagem*, respectivamente denominados *Castelos Portugueses* e *A Electricidade*. Aquele, de texto original e assunto bem novo, foi elaborado pelo ilustre escritor sr. João Grave, e diz-se constitui fança grãda do saber e brilho das páginas que o compõem, applicadas tãdas elas a relatar-nos o desenvolvimento que, através dos séculos, a arquitectura militar atingiu entre nós. Oito são os capítulos do estudo em questão, profusamente ilustrados com aspectos das mais importantes e típicas edificações guerreiras que em idos tempos tiveram como função a defesa do solo pátrio e hoje, na sua maioria, só ostentam ruínas enegrecidas e esborcinadas, de cujas pedras, todavia, ainda parece desprender-se um sópro de epopeia. No outro tomo, cujo texto, de H. Const. foi traduzido pelo sr. engenheiro Costa Marques, e se apresenta tão copiosamente ilustrado como o primeiro, aprendemos uma sugestiva lição sobre esse tão maravilhoso elemento da vida moderna que se chama a electricidade. A um capítulo de generalidades seguem-se mais sete, que tratam da corrente eléctrica, da electrodinâmica, do calor produzido pela electricidade, da luz eléctrica, do electromagnetismo, da electricidade como força motriz e, finalmente, do telégrafo e do telefone, não deixando sequer em esquecimento a transmissão das imagens, que constitui invenção bem recente. Dois magníficos tomos, estes, podemos assegurar-lho.

Revistas que recebemos: *Broteria*, onde, num dos últimos cadernos, vem um extenso artigo sobre a acção dos Jesuitas portugueses no Oriente; *Boletim do Instituto de Orientação Profissional* «Maria Luísa Barbosa de Carvalho», que insere estudos muito valiosos relativos ao problema do trabalho no nosso país, segundo as mais modernas doutrinas; *Portugale*, cujo n.º 5, repleto de interesse, contém colaboração de D. Ana de Castro Osório, Claudio Basto, Luís Chaves, Augusto Martins, Bernardo de Passos, Jaime de Magalhães Lima, etc. *Gil Vicente*, revista de cultura literária nacionalista, onde, entre outros, se pode ler um enrioso artigo sobre António Sardinha; e *Revista Escolar*, de matéria que se dirige sobretudo à classe docente.

As *Farças*, publicadas pelo sr. M. Ortigão Burnay, continuam na sua tarefa de esclarecer os maiores problemas nacionais.

As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente tódas as informações ás consultas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo estes vendidos ao câmbio do dia

ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Anual	Semestre	Anual
CONTINENTE E ILHAS...	22\$00	43\$00	84\$00	47\$00	92\$00
Registados...	24\$40	47\$80	93\$60	51\$80	101\$60
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL...		49\$00	96\$00	52\$00	102\$00
Registados...		53\$80	105\$60	61\$60	121\$20
INDIA, MACAU E TIMOR...		53\$00	104\$00	63\$00	124\$00
Registados...		57\$80	113\$60	72\$60	143\$00
ESPAÑA...				47\$00	92\$00
Registados...				51\$80	101\$60
BRASIL...				52\$00	102\$00
Registados...				61\$60	121\$20
ESTRANGEIRO...				63\$00	124\$00
Registados...				72\$60	143\$00

NÚMERO AVULSO 4\$00

A demonstração mais exuberante da higiene e do cuidado escrupuloso na conservação da beleza e do requinte dos dotes de elegancia e de bom gosto, depende exclusivamente da adopção dos produtos que para tal fim se utilizam.

OS DA
MARCA **ALINE**

DA «ACADEMIE FEMININE DE BEAUTE DE PARIS»
SÃO OS PREFERIDOS



A ESCULTURAL BALARINA LEA NERKO, ERGUENDO EM EXTASIS UM FRASCO DE DELICIOSA AGUA DE COLÓNIA
DIANTE DO «STAND» ALINE NA RECENTE EXPOSIÇÃO DE OUTONO

PERFUMES — AGUA DE COLONIA — LOÇÃO

BRILHANTINA — ROUGE — PÓ DE ARROZ

:: :: :: VERNIZ PARA UNHAS :: :: ::

REPRESENTANTE PARA PORTUGAL E COLÓNIAS

RESSURREIÇÃO, L.DA

R. de S. Paulo, 55, 3.º — Telef. T. 2940 — LISBOA

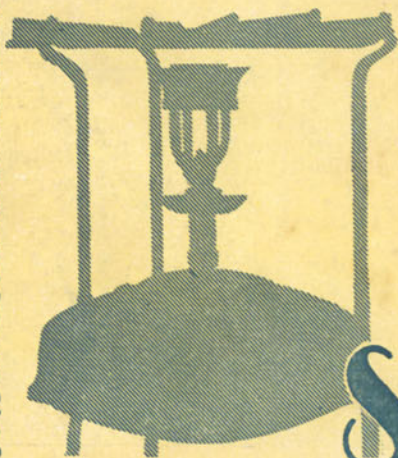


Não bêba!

Essa água não está fervida, tem os micróbios do tifo! Não bêba!

Evite que as crianças inconscientes tomem qualquer água. É imprescindível ter sempre na sua casa uma quantidade de água fervida suficiente, para beber. Para esse fim nada existe de mais prático e económico que um fogão de pressão da VACUUM que lhe ferve dois litros de água em 10 minutos.

Não utilíse qualquer petroleo, peça sempre



Petroleo
SUNFLOWER

VACUUM OIL COMPANY

ROCIO. 67

Telet N 3075